

BOLETIM
SEGURANÇA E CIDADANIA
OUTUBRO 2017

24

CRIME E POLÍCIA NO #RIODEJANEIRO:

RELATOS EM PÁGINAS DO
FACEBOOK

PABLO NUNES



RESUMO

No contexto de retração dos jornais impressos e o avanço da internet, novos fenômenos de consumo e produção de informações têm se estabelecido, especialmente a partir de redes sociais. O Rio de Janeiro tem assistido à multiplicação de “páginas de bairros” no *Facebook*, onde notícias sobre violência são o foco principal, ainda que não exclusivo. Este artigo apresenta análise exploratória de 156 dessas páginas, procurando entender as características do conteúdo publicado, os tipos de postagem que possuem maior interesse dos leitores, e quais são suas redes de relações. As publicações sobre violência se dividem em tipos relacionados com a dinâmica do tráfico de drogas, sobre operações policiais ou notícias de crimes, possíveis suspeitos e locais “perigosos”. Esse último tipo pode ser entendido como um aviso aos leitores, afim de que estes adotem estratégias de autoproteção. Por outro lado, a mesma informação traz o risco do fomento do “justicamento”, uma vez que é comum encontrar nas postagens fotos de “suspeitos”. O fenômeno é relevante no contexto dos estudos sobre mídia e violência e justifica não apenas o presente estudo, como seu monitoramento no futuro.

PABLO NUNES

É PESQUISADOR DO CESEC E
DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS
SOCIAIS E POLÍTICOS (IESP-UERJ).

Em 1993, menos de 1% da população mundial tinha acesso à internet. Em 2005, essa proporção era de mais de 15% e, em julho de 2017, 51% já estavam conectados de alguma maneira.¹ No Brasil, os dados disponíveis indicam um salto de 17% em 2005 para 65,9% em 2017².

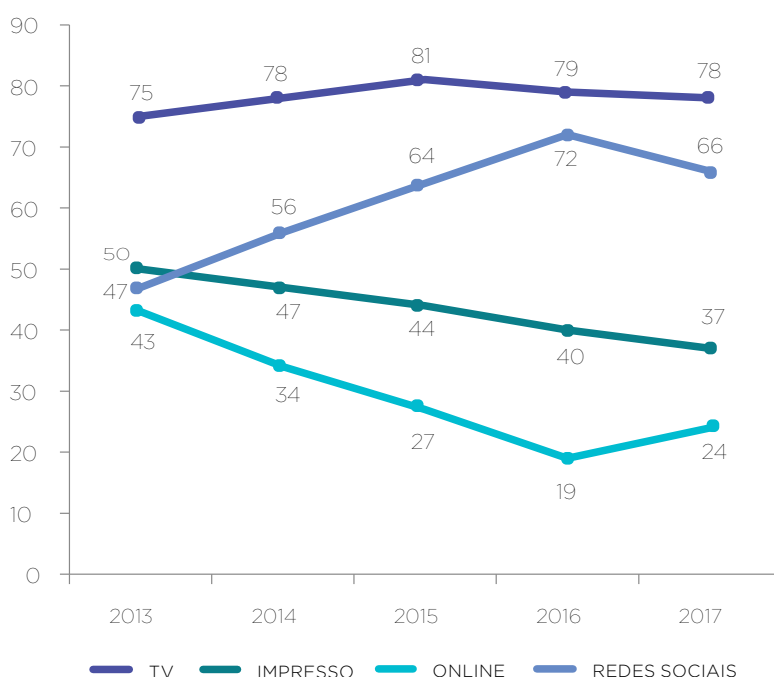
Entre os muitos impactos desse fenômeno, destaca-se a crescente importância da internet como fonte de informações e espaço para consumo de notícias, em detrimento dos jornais impressos, cuja tiragem vem encolhendo em todo o mundo, com quedas que vão de pouco mais de 20% a cerca de 80%⁴.

Hoje, a grande maioria dos brasileiros (90%) se informa por meio de fontes online, em grande parte (66%) nas redes sociais, segundo o último relatório do Reuters Institute (Newman et al. 2017). O Gráfico 1, a seguir, compara a evolução recente da proporção de pessoas que buscam notícias nas redes, nos jornais impressos e na televisão.



AS PÁGINAS
DE BAIRROS
CUMPREM
UM PAPEL
IMPORTANTE NA
PRODUÇÃO DE
INFORMAÇÕES
SOBRE EVENTOS,
SERVIÇOS
PÚBLICOS,
VIOLÊNCIA
E CRIME NO
COTIDIANO DOS
MORADORES”

GRÁFICO 1_FONTES DE NOTÍCIAS - BRASIL (%) (2013-2017)



Da mesma forma que os demais tipos de notícias, a produção e a circulação de informações sobre violência urbana sofreram um profundo impacto derivado dessas mudanças. Entretanto, os estudos disponíveis sobre como a mídia retrata os temas da criminalidade e da segurança pública no Brasil privilegiam a análise de jornais impressos (Campos 2009; Njaine e Minayo 2002; Ramos e Paiva 2007) ou dos noticiários televisivos (Oliveira 2011; Varjão 2016), com pouca referência à internet e às redes sociais.

Parece-nos que ainda não se avaliou a importância, nessa área, das informações ao vivo, acessíveis por meio de smartphones, e do fato de o antigo leitor ou telespectador passivo poder transformar-se em produtor de conteúdo, ao compartilhar seus próprios textos, vídeos, imagens e áudios, reportando crimes, acidentes e outros eventos que presencie. Atualmente, são milhões de indivíduos que publicam, comentam e documentam acontecimentos cotidianos, e que geram espaços alternativos à mídia tradicional, mas também canais onde a própria imprensa pode buscar informações que provavelmente não obteria pelas vias convencionais.

Além disso, as redes abriram novos e intensos canais de relacionamento entre o público e a imprensa, estreitando e complexificando essa interação, num fenômeno que um jornalista denominou “hiperproximidade”⁴, em que os milhões de comunicadores também se dedicam a comentar e criticar o conteúdo produzido pelos grandes veículos de mídia. Entre outras consequências do advento das redes sociais está, portanto, a de amplificar o alcance das críticas dirigidas à imprensa, que se torna assim um alvo frequente de textos desaprovadores.

No campo das redes, o *Facebook* ganhou proeminência nos últimos anos⁵ e tornou-se fonte prioritária de informação para muitos usuários, tanto por meio de páginas de grandes jornais como *O Globo* e a *Folha de S. Paulo* quanto pelas páginas de organizações, indivíduos e grupos. Chama atenção sobretudo, quando se trata de segurança pública e de outros temas urbanos, a proliferação de iniciativas localistas, como as páginas de bairros do Rio de Janeiro, que cumprem um papel importante na produção de informações sobre eventos, serviços públicos, violência e crime no cotidiano dos moradores – importância derivada da falta de visibilidade de algumas regiões da cidade no noticiário da imprensa tradicional.

Os resultados da pesquisa “Mídia e Violência: o que mudou em dez anos?” (Ramos, Paiva e Nunes 2017) mostram, com efeito, que a produção de notícias sobre violência e segurança continua a focalizar preferencialmente os territórios ditos “nobres”, onde se concentram os leitores da mídia tradicional. Grande parte da população recorre, então, a outros meios em busca de informações relevantes para o seu cotidiano, tendo no *Facebook* fácil acesso a numerosas páginas que noticiam eventos locais, com foco em um bairro, uma favela, um quarteirão ou até um condomínio. Além do território a que se referem, tais páginas se caracterizam pela lógica colaborativa, na qual muitas vezes produtores e consumidores das notícias se confundem (Lemos e Pereira 2011), e na qual o cotidiano comunitário e próximo configura tanto o alcance da audiência e o conteúdo gerado quanto a forma e os mecanismos pelos quais se produz a informação.



A PRODUÇÃO DE
**NOTÍCIAS SOBRE
VIOLÊNCIA E
SEGURANÇA**
CONTINUA A
FOCALIZAR OS
TERRITÓRIOS
DITOS ‘NOBRES’,
ONDE SE CON-
CENTRAM OS LEI-
TORES DA MÍDIA
TRADICIONAL”

Assim, apesar da promessa que a internet carregou de ser o caminho para globalização e para a conformação de uma aldeia global ter, em certa medida, se realizado, os meios digitais também permitiram a formação de grupos hiperlocalizados e hiperespecializados (Castells 2001:235). Dados produzidos por pesquisadores do *Facebook* mostram que “enquanto o grafo⁶ do *Facebook* inteiro é claramente esparsa, o grafo de vizinhanças e comunidades de usuários contém, surpreendentemente, uma estrutura densa” (Ugander et al. 2011). Ou seja, diferente do que se previa – que a internet possibilitaria a quebra de barreiras físicas, geográficas e identitárias – vemos que é nesse espaço que comunidades se formam e se consolidam, laços com o espaço geográfico são fortalecidos e diferentes identidades encontram expressão (Martel 2015). É a partir deste diagnóstico que o *Facebook* muda sua missão institucional de “tornando o mundo mais aberto e conectado” para “dar as pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo” (Lanchester 2017; Zuckerberg 2017).

São essas páginas – definidas como “hiperlocais” (Zago 2010) – que constituem o foco da pesquisa aqui apresentada, com recorte para as que dedicam algum espaço aos temas do crime e da violência urbana. Combinando vários critérios, selecionamos para análise um total de 156 páginas relativas a localidades do Rio de Janeiro, com o objetivo de compreender melhor como os temas da violência e da segurança são tratados nesse tipo de mídia; que tipos de discursos compõem as postagens; qual a sua audiência (medida por meio de *likes* e compartilhamentos) e em que redes de relações tais páginas estão imersas.

Um dos critérios adotados foi de que se tratasse de iniciativas de cidadãos, não de instituições (ONGs, associações de moradores etc.), pois o interesse central da pesquisa era conhecer a utilização das mídias sociais por indivíduos e grupos que buscam criar redes próprias de informações sobre o que se passa nos seus territórios. Excluíram-se também páginas declaradamente policiais, com menções a batalhões ou delegacias de polícia, ou com títulos do tipo “faca na caveira”, “tropa de elite” etc., assim como páginas que privilegiavam a exibição de violência explícita. Optou-se ainda por não contemplar grupos de bairro formados no *Facebook*, que não constituem propriamente espaços de produção de notícias, mas sim fóruns de discussão, muitos deles, inclusive, fechados. Finalmente, adotou-se o critério de buscar uma distribuição no território do município do Rio que garantisse bastante diversidade de questões locais.

As páginas escolhidas ou já eram previamente conhecidas, ou foram indicadas por terceiros, ou ainda selecionadas por meio da técnica de “bola de neve”, em que, seguindo as curtidas e os compartilhamentos das páginas já identificadas, encontravam-se outras com o perfil almejado. Buscas por palavras-chave, principalmente nomes dos bairros do Rio de Janeiro, ou palavras como “alerta”, “news”, “notícias”, “depressão” etc.⁷ também foram úteis para complementar o universo da pesquisa.

Uma vez selecionadas as páginas, coletaram-se os 900 últimos posts de cada uma, sem predefinir um intervalo temporal, que poderia variar muito de uma para outra. Ao todo, obtiveram-se 64.529 posts das 156 páginas, abrangendo o período de setembro de 2010 a 12 de julho de 2017. Tais posts foram

recolhidos por meio do pacote *RFacebook*, baseado na linguagem R⁸, e sistematizados com o uso do *LibreOffice*. Para analisar os textos das postagens, utilizou-se o software *IRaMuTeQ*¹⁰, também baseado na linguagem R. Para as redes de *likes* empregaram-se os aplicativos *Netvizz*¹¹ e *Gephi*¹².

BAIRROS NA REDE

Um marco importante da proliferação do fenômeno de comunicação “hiperlocal” no Rio de Janeiro parece ser a cobertura da invasão do Complexo do Alemão pelas polícias e pelas Forças Armadas em 2010¹³, feita no Twitter por René Silva, criador do jornal local “Voz da Comunidade”¹⁴. Essa iniciativa ganhou visibilidade nacional e internacional ao trazer em tempo real e de dentro do Complexo, notícias sobre a invasão e os acontecimentos que se seguiram, que a imprensa apenas acompanhava, na maior parte do tempo, à distância.

A multiplicação de iniciativas análogas em anos mais recentes certamente está relacionada ao crescimento exponencial do acesso a smartphones, valendo notar que a maior parte das 156 páginas que analisamos foi criada de cinco anos para cá. Por sua vez, as manifestações de rua de 2013 parecem ter consolidado a tendência de “autoprodução” de notícias, com a cobertura jornalística sendo feita de dentro dos protestos, por grupos como o Mídia Ninja. Não só pelo conteúdo produzido, mas também pelos métodos empregados – filmagem com celular e transmissão em tempo real via mídias sociais –, tal experiência pode ter estimulado a disseminação dos tipos de páginas que a nossa pesquisa analisou. De certo, a experiência das manifestações de 2013

catalisou uma série de iniciativas de comunicação digital que procuram se contrapor a cobertura tradicional, valorizando o olhar de dentro do fato.

Durante os anos da chamada “pacificação”¹⁵, em que houve significativa queda dos homicídios intencionais e de outros delitos violentos no Rio de Janeiro, principalmente no interior das favelas e nos seus entornos (Cano et al. 2012), não se verifica grande proliferação de páginas dedicadas a divulgar crimes, tiroteios ou “arrastões”. Não sabemos, contudo, se elas já existiam, se tinham menos visibilidade, ou se sua multiplicação de fato se deu em período mais recente. O que sabemos é que muitas das páginas do tipo aqui examinado nasceram com a proposta de produzir conteúdos mais gerais para os moradores de um local – por exemplo, informações sobre serviços públicos e/ou projetos de ONGs disponíveis na área; anúncios de festas e eventos; denúncias do mau uso do espaço público etc. – e nos últimos anos mudaram gradualmente seu foco, passando a concentrar-se na cobertura da violência cotidiana, com ênfase na localidade de origem e no seu entorno.

Outro fenômeno recente é o de algumas páginas que começaram como “hiperlocais” e ampliaram posteriormente sua abrangência. Por exemplo, a “Rio de Nojeira”¹⁶, criada em 2016 para divulgar imagens e vídeos de assaltos que ocorriam no centro da cidade, nos arredores do escritório do proprietário da página, e depois passou a cobrir crimes e violências em diversas regiões, além de abordar temas políticos, tornando-se uma das páginas do gênero com maior número de “curtidas” no *Facebook*. Caso similar é o da “Voz das Comunidades”, que manteve o foco no espaço de favela, mas expandiu sua cobertura para além do Complexo



A MULTIPLICAÇÃO DE INICIATIVAS ANÁLOGAS EM ANOS MAIS RECENTES CERTAMENTE **ESTÁ RELACIONADA AO CRESCIMENTO EXPONENCIAL DO ACESSO A SMARTPHONES**

do Alemão e passou a abranger outras comunidades do Rio.

O recrudescimento da violência pós-“pacificação” fez nascerem também páginas com o objetivo específico de informar aos seguidores pontos de ocorrência de confrontos e tiroteios. As mais conhecidas são “Onde Tem Tiroteio” (OTT) e “Fogo Cruzado”, sendo a primeira uma iniciativa de cidadãos e a segunda, da Anistia Internacional, que criou um aplicativo que recebe informações de seus usuários, ou por meio de sua conta do Twitter. Além disso, elaboraram um sistema de monitoramento de palavras-chave, que colabora com a coleta de informações. Tanto o “OTT” quanto o “Fogo Cruzado” produzem e difundem relatórios mensais com dados sobre trocas de tiros na cidade, que têm sido utilizados

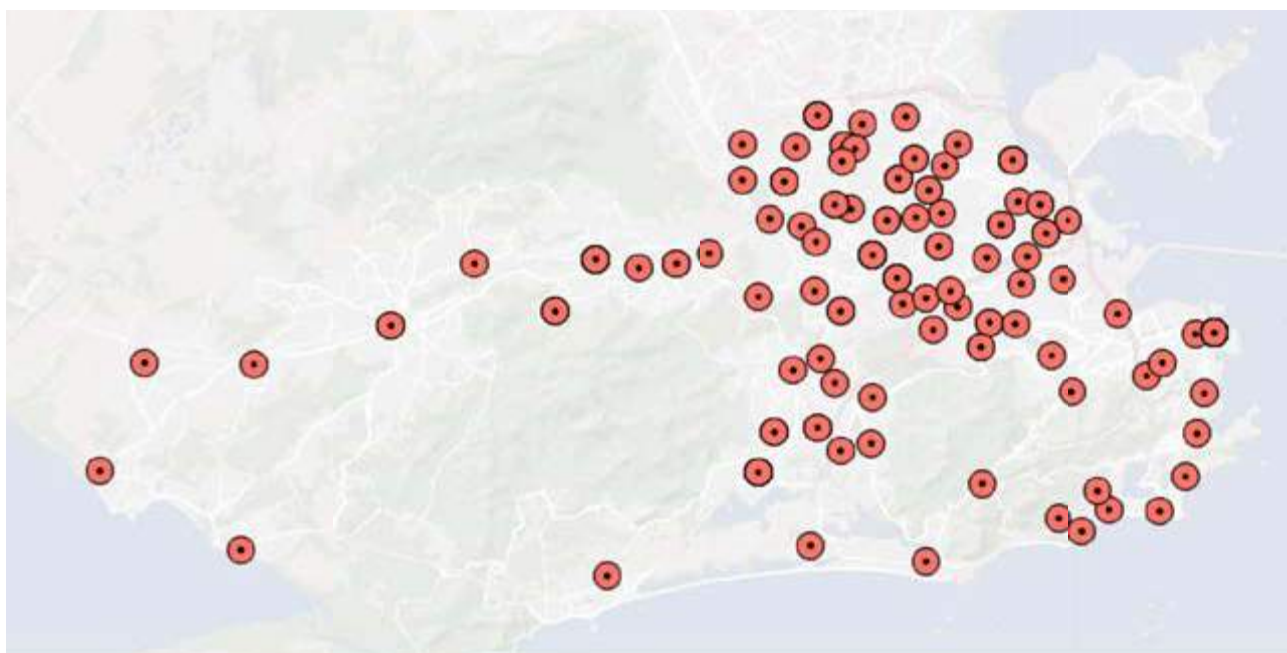
pela imprensa nacional e internacional.

Surge também nesse período um grande número de páginas institucionais que tratam de temas relacionados à violência e à segurança – criadas por associações de moradores, ONGs, batalhões, delegacias etc. –, mas que, como já dito, optamos por não analisar na presente pesquisa.

LOCALIDADES, CONTEÚDO, ALCANCE E PREFERÊNCIAS

O mapa abaixo assinala a localização das 156 páginas analisadas, cuja lista nominal está disponível no Anexo. Cada um dos círculos vermelhos indica um bairro da cidade ao qual se vinculam uma ou mais páginas abrangidas pela pesquisa.¹⁷

FIGURA 1_ GEOLOCALIZAÇÃO DAS PÁGINAS ANALISADAS

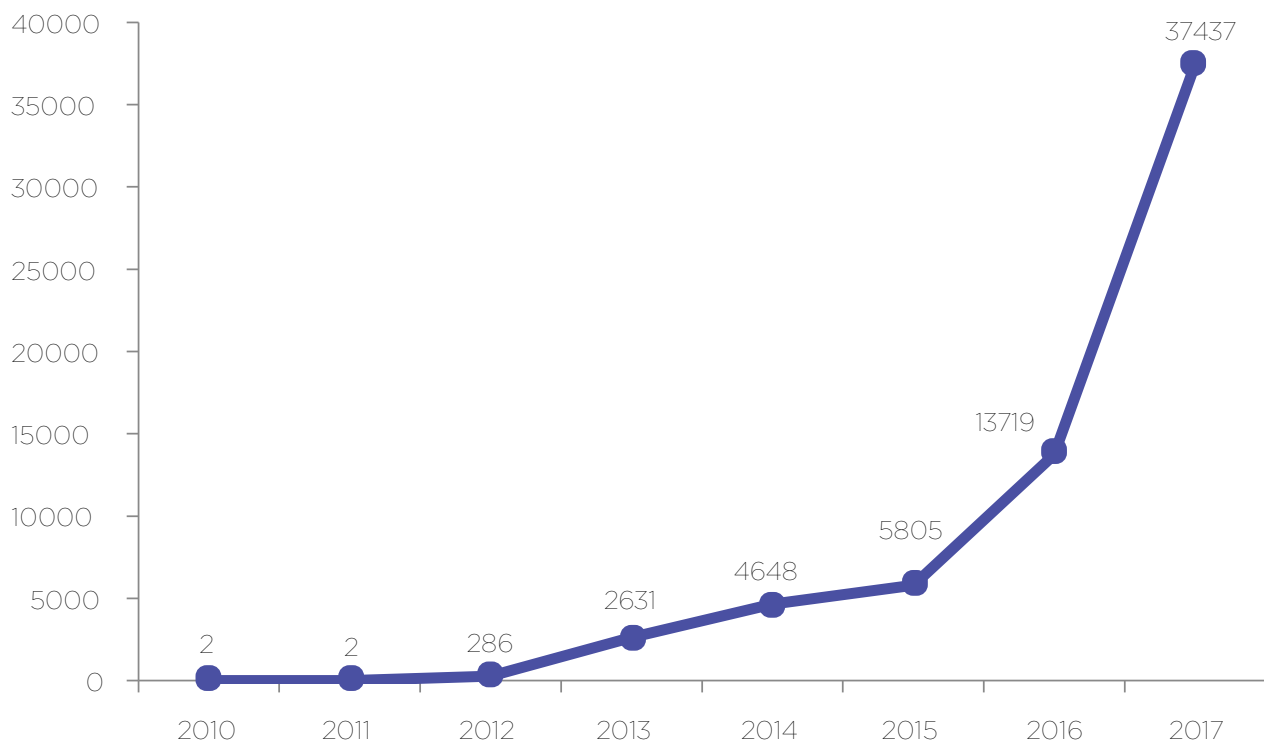


Nota-se no mapa que parte significativa dos 160 bairros oficiais da cidade está contemplada, mas também estão incluídas na amostra páginas mais abrangentes, sem um foco local específico, como a já mencionada “Voz das Comunidades”.

A maioria das páginas traz em seu nome o bairro focalizado, havendo, porém, exceções, como a da “Favela Fiscal”, ou das que adotam grafias distintas da oficial, como o “Coletivo Fala Akari” e o “CDD Acontece”. Algumas delas têm forte ligação com o perfil dos seus criadores, como é o caso do “Papo Reto” ou da “Voz das Comunidades”, enquanto a maior parte é de autoria anônima.

Em relação ao número de seguidores (ver Tabela 1 no anexo), o monitoramento feito em julho de 2017 identificou em primeiro lugar no ranking o “Rio de Nojeira”, com 796 mil curtidas; em segundo, “Bangu ao vivo”, com 652 mil e, em terceiro, “Antigo Campo Grande”, com 312 mil. A última posição é da página “Favela News Rio de Janeiro”, com apenas 259 seguidores. A mediana¹⁸ do número de fãs das páginas analisadas é 12.406. Para fins de comparação, a página do jornal *Extra* no Facebook tem 2.180.081 fãs e a do *Globo*, 5.476.898 – números bem superiores aos do universo focalizado pela nossa pesquisa. Já a do jornal *O Dia* tem 595.806, menos que os quase 800 mil que seguem a “Rio de Nojeira”.

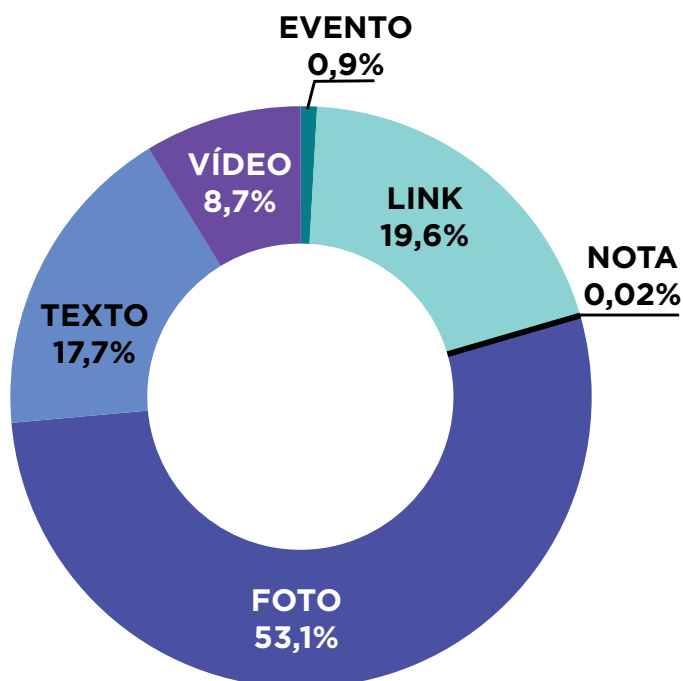
GRÁFICO 2_NÚMERO DE POSTS POR ANO



Das cerca de 64 mil postagens recolhidas (as últimas 900 de cada página), mais da metade (37.437) se concentram no primeiro semestre de 2017, numa média de mais de 200 posts por dia, o que mostra a intensidade da produção

de conteúdo nesse canal. Compartilhamento de fotos representa 53% do total de postagens, seguido de *links* (19%) e de texto ou status (18%)¹⁹. Eventos e notas, por sua vez, são os conteúdos de menor incidência (Gráfico 3). As medianas

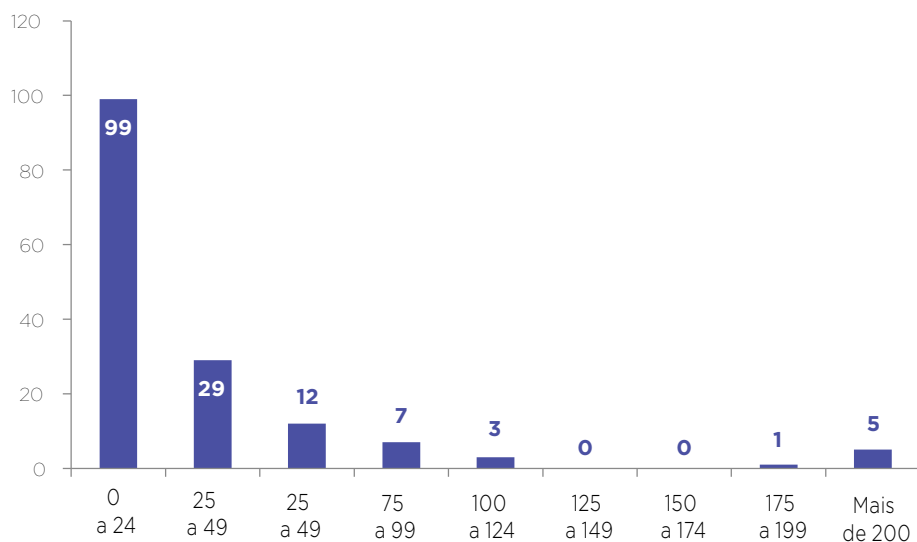
GRÁFICO 3_ TIPOS DE POSTAGENS



de “curtidas” ou “likes” servem como um primeiro parâmetro para se avaliar a audiência das páginas (Gráfico 4). A que figura em primeiro lugar, de acordo com esse parâmetro, é a “Taquara da Depressão”, com mediana de 237 curtidas por post. Os dados mostram que o maior número de fãs (apresentado na Tabela

1 do anexo) não se traduz necessariamente em maior interesse e participação. Curtir um post indica certo engajamento com o assunto tratado, e a “Taquara da Depressão”, que, em número de fãs, está em 61º lugar no *ranking*, é a que tem mais sucesso em motivar reações dos seus seguidores aos conteúdos que publica.

GRÁFICO 4_ MEDIANA DE “LIKES” POR POSTS



Há variações significativas segundo a natureza da postagem: como mostra o Gráfico 5, textos menores (*status*) têm mediana de *likes* bem superior às de vídeos, fotos, *links*, notas e eventos. Entretanto, identificamos na amostra alguns vídeos – por exemplo, envolvendo escândalos com pessoas famosas – que tiveram números de curtidas muito acima da mediana e foram compartilhados em quantidade muito maior que o padrão cotidiano das páginas.

Outro parâmetro para medir alcance são os compartilhamentos,

que disseminam o conteúdo e expandem a audiência para outras redes. A página de maior êxito, nesse aspecto, foi “Alerta Vila Isabel”, com mediana de 30 compartilhamentos por post. Em números absolutos, a de maior alcance foi “Alerta Copacabana”, com um post compartilhado nada menos que 109.644 vezes.

Nota-se que os compartilhamentos são muito menos frequentes e mais concentrados que as curtidas; na maioria dos casos (60,9%), a mediana por post fica abaixo de dez.

GRÁFICO 5_MEDIANA DE *LIKES* POR TIPO DE POST

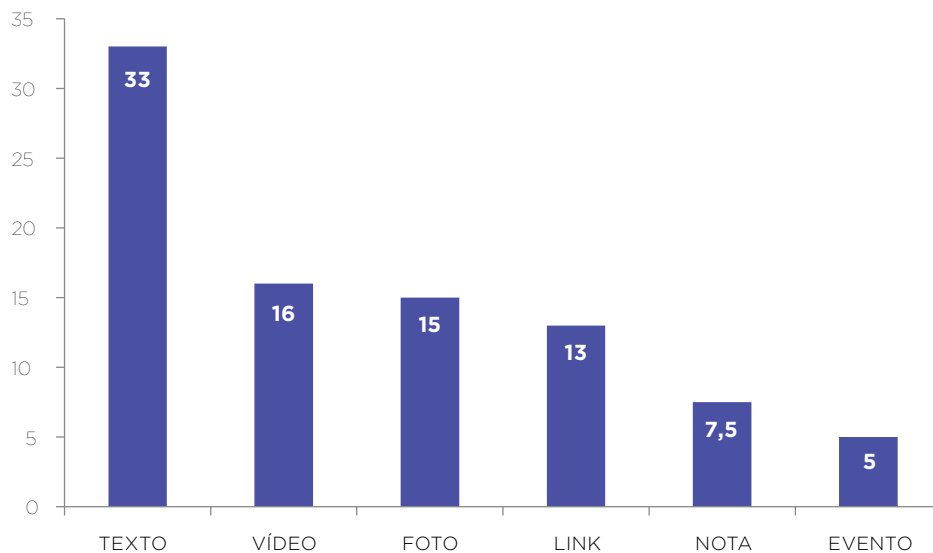
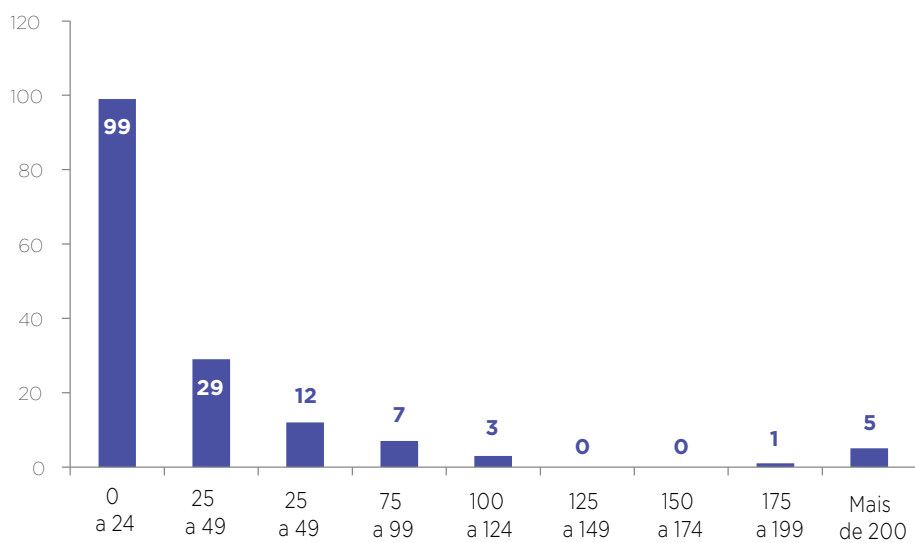


GRÁFICO 6_MEDIANA DE COMPARTILHAMENTOS POR POST



Analizados os números gerais, cabe identificar que tipos de posts os seguidores mais valorizam. Na amostra da nossa pesquisa, o de maior número de curtidas (43.220)²⁰ era um vídeo, publicado na página “Realengo News”, de um policial mandando “Recado a Rede Globo e ao seu Âncora Willian bonner!”²¹, em resposta a uma matéria do Jornal Nacional sobre a execução de dois jovens em Costa Barros²². O segundo mais curtido (24.829 likes)²³ era também um vídeo, difundido pela “Bangu ao Vivo”, que mostrava a mãe da cantora Ludmilla num salão de beleza, questionando uma atendente sobre as ofensas que esta havia postado nas redes sociais.

O terceiro era uma imagem, igualmente da “Bangu ao Vivo”, acompanhada de texto relatando um caso extraordinário presenciado pelo autor da foto: dentro do McDonalds da Av. Washington Luís, um casal não só ofereceu vários lanches a uma família de moradores de rua como sentou-se e lanchou na mesma mesa que ela. O autor parabeniza a atitude do casal, “que poucos têm”, e torce “mais do que nunca para que a paz, felicidade e fartura reine sobre todos nessa foto e todos que vivem nessa situação!!!” Recebeu 16.829 likes.

Em termos de compartilhamentos, o post com alcance recorde (109.644), como já mencionado, foi da página “Alerta Copacabana”. Trata-se de uma fotomontagem que ironiza o aumento dos roubos em transporte coletivo no Rio de Janeiro²⁴ mostrando um ônibus com os dizeres “Socorro assalto” no letreiro frontal.

O segundo post com mais compartilhamentos (105.411) foi o vídeo, acima citado, do policial respondendo a uma matéria da TV Globo e o terceiro, um texto (*status*) comentando o vazamento de imagens em que um ator da mesma emissora aparece

consumindo cocaína com travestis (14.870 compartilhamentos).

Percebe-se, assim, que as postagens mais populares nem sempre têm conteúdo relacionado à violência, à segurança ou mesmo ao contexto local: escândalos envolvendo pessoas famosas, histórias edificantes, notícias esportivas, piadas etc. também são publicados nessas páginas, talvez como forma de garantir audiência.

Quando analisamos a nuvem formada por palavras que aparecem nos textos de todas as postagens (ver Figura 2), ressaltam como expressões mais frequentes “rua”, “dia”, “bairro” e “morador”, que denotam o caráter “hiperlocal” da maioria das páginas analisadas. Além disso, destacam-se termos como “policial”, “assalto” e “tiro”, indicativos de conteúdos diretamente relacionados à segurança pública.

Agrupando por temas os textos de todas as postagens²⁵, é possível perceber que a maioria (55,8%) trata de assuntos que denominaremos genericamente de “cidadania e vida cotidiana”, enquanto aquelas especificamente ligadas à violência e à segurança estão presentes em cerca de 44% do total. O tema da violência, por sua vez, pode ser subdividido em três grupos, como mostra a Figura 3. No *cluster* “Cidadania e cotidiano” (ver Figura 4) incluem-se assuntos diversos como comentários e denúncias sobre serviços oferecidos na área, pedidos de auxílio etc., assim como questionamentos políticos, reclamações sobre instituições e termos indicativos da intenção de participar, reivindicar, avaliar e debater, em suma, de exercer a cidadania.

O segundo *cluster*, que nos interessa mais de perto aqui, concentra textos voltados às questões do crime e da violência urbana. É o que analisaremos na próxima seção do trabalho.



AS POSTAGENS
MAIS POPULARES
NEM SEMPRE
TÊM CONTEÚDO
RELACIONADO
À VIOLÊNCIA, À
SEGURANÇA OU
MESMO AO CON-
TEXTO LOCAL”

FIGURA 2_ NUVEM DE PALAVRAS DE TODOS OS *POSTS*

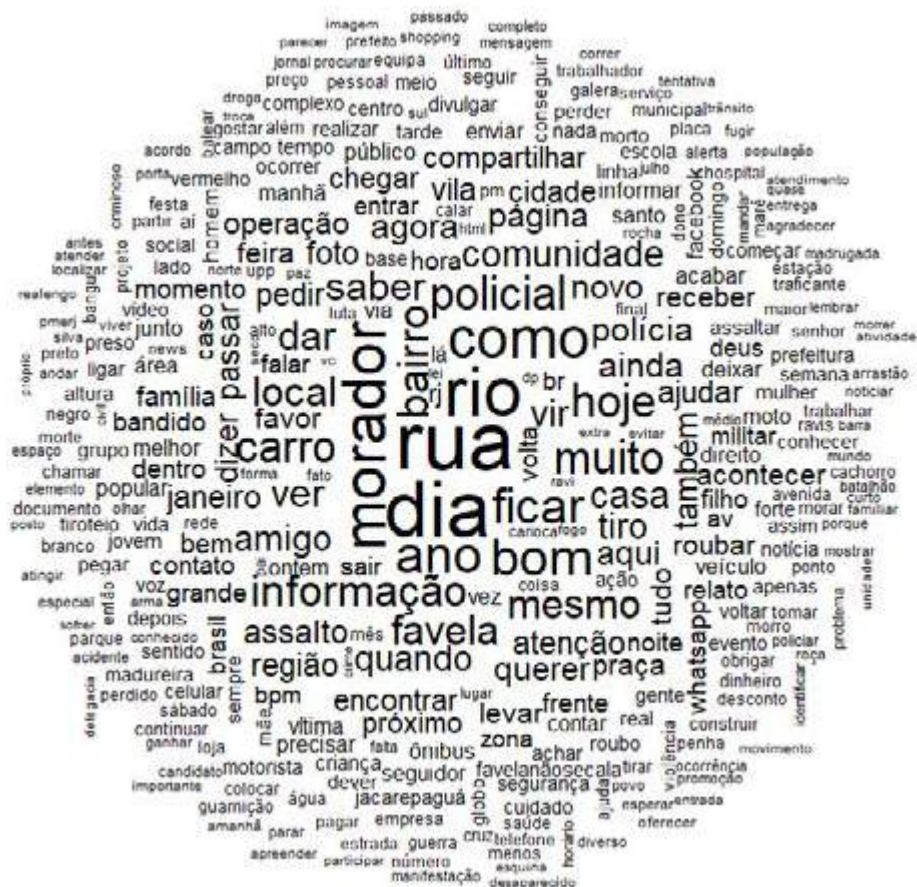


FIGURA 3_ GRANDES GRUPOS DE ASSUNTOS FOCALIZADOS NOS POSTS

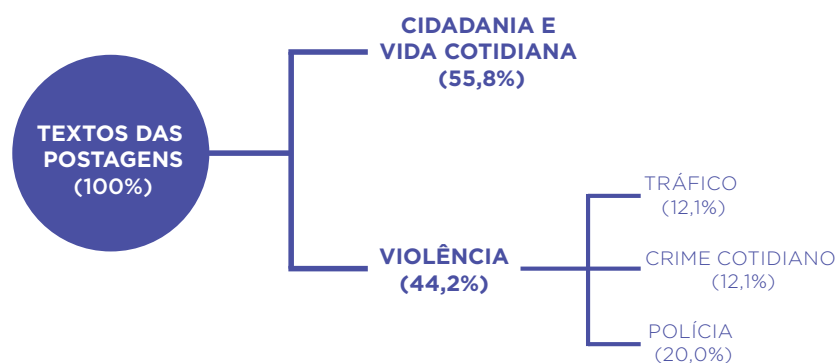


FIGURA 4_ NUVEM DE PALAVRAS DO GRUPO “CIDADANIA E VIDA COTIDIANA”



CRIME E POLÍCIA

DINÂMICA DO TRÁFICO

O primeiro subgrupo de textos do *cluster* sobre violência, de acordo com a classificação da Figura 3, corresponde a cerca de 12% do total de postagens e aborda dinâmicas do tráfico de drogas e das facções criminosas armadas, como exemplificam os dois trechos abaixo, transcritos sem alterações na redação original:

Muitos perguntando se tomaram Nova Holanda, que Nova Holanda varreu a baixa que geral correu pro outro lado. Tudo fofoca pra fazer Tor-

cedor balançar a bandeira!!!! A verdade que é apenas conflito como sempre na divisa onde um da tiro pro lado do outro, ali pessoal de ambos os lados caga e anda pra quem mora na divisa, um frio deste podendo beijar na boca fazer um sexo gostoso preferem ficar gritando pra macho ouvir e dando tiro. (“Favela News Rio de Janeiro”)

#Fala_Morador #Senador_Camará
#TCA Via Seguidor: Ola. Boa noote.
Sou um morador da Taquaral – Sena-
dor Camara. Queria falar sobre essa
guerra, mas n queria me identificar.
Lógico q por mortivos de seguranças.
Todos sabem q quem mora em fave-
la, vive sobre o poder do trafico, por

culpa dos governantes q ao invés de nos dar segurança, eles veem e nos da mais insegurança. [...] Mas se vc reparar tbm, estamos mais protegidos aqui dentro, onde a lei que determina e a dos traficantes , é n roubar. E hj em dia estamos ainda vivendo c essa guerra, entre senador camara e vila kennedy, só q vcs acham q a culpa é dos traficantes né? Mas n, a culpa é da segurança publica q n fizeram nd, apos a morte do Dn da Favela. Sei q vao criticar, porem n ligo. Sei do q estou falando. Sou morador daqui a 30 anos. Ass: Um Morador q pede socorro #SenadorCamaraPedePaz (“Por dentro do Problema”)

Tais discursos deixam transparecer claramente um fenômeno típico do Rio Janeiro, que é o do controle territorial armado de grupos criminosos e da disputa crônica entre facções do tráfico de drogas. As páginas que mais mobilizaram esse tipo de discurso foram a “Informe Rio de Janeiro”, “Por dentro do Problema” e a “Guadalupe News”.

CRIME COTIDIANO

Este subgrupo de postagens refere-se a avisos de delitos ocorridos na região. Há o predomínio de palavras relacionadas com crimes contra o patrimônio: “carro”, “roubar”, “assaltar”, “bandido”, “ônibus” etc. Abaixo estão dois relatos característicos:

Eu estava indo me encontrar com uns amigos, quando um Sedan chumbo parou próximo ao meu prédio (...), no primeiro momento eu achei que era Uber, mas o carro parou e um cara de casaco preto desceu do carro e foi na minha direção e pediu meu celular, eu tentei dialogar pra ele não levar é só levar o meu dinheiro, mas ele apontou a arma pra mim e iria atirar caso eu

não entregasse o aparelho. Eu entreguei o aparelho, depois eu voltei pra casa desesperada. Meus amigos me contaram que esse mesmo carro passou por eles em alta velocidade e com os faróis apagados... (Alerta Jardim Oceânico)

“Na manha desta segunda-feira (10/07), um homem vestindo blusa social rosa e calça preta se passando por motorista de ônibus levou todos os pertences dos passageiros da linha 906 que faz o trajeto Cajú X Jardim América. Segundo relatos, quando o coletivo passava por Parada de Lucas, o ladrão entrou pela porta da frente, mas depois de conversar com o motorista ele teria descido e entrado pela porta de trás. Ao entrar, já foi anunciando o assalto e levando os pertences dos passageiros. Uma das passageiras fez um escândalo dizendo que não iria entregar seu celular e o ladrão desceu correndo. O motorista do ônibus disse que o homem se identificou como motorista da categoria e que havia perdido sua credencial.” (Jardim América Online)

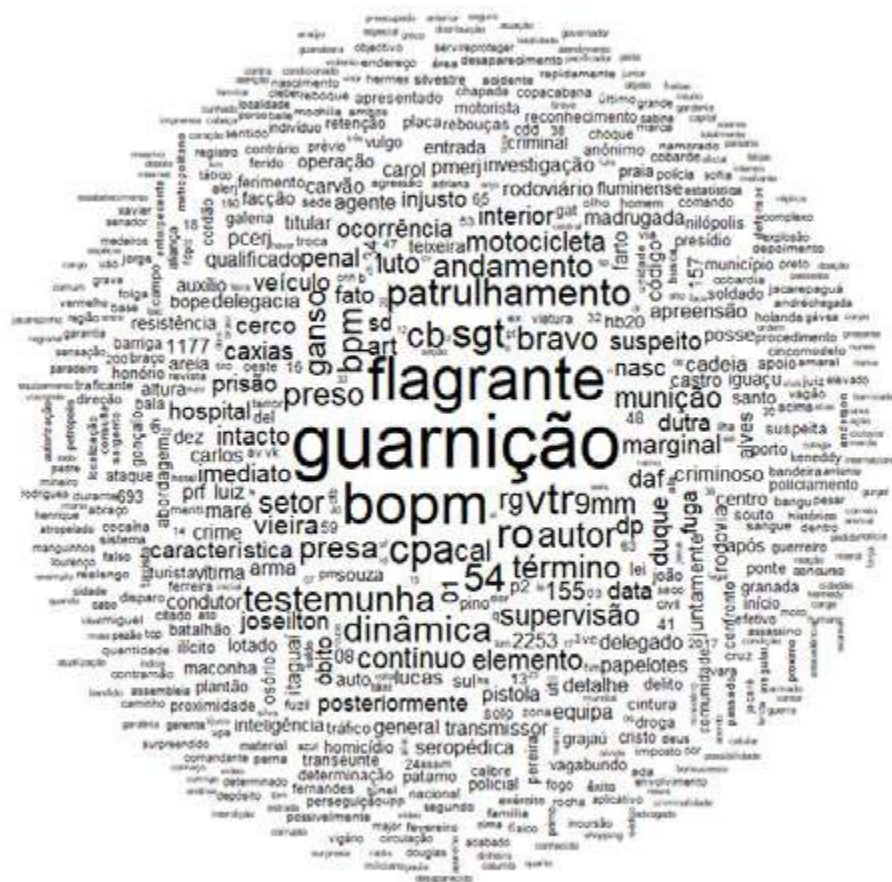
Os exemplos mostram que a página se alimenta, muitas vezes, de informações enviadas pelos próprios seguidores, seja diretamente pelo *Facebook*, seja por grupos de *WhatsApp* dos quais os editores das páginas participam e onde obtêm partes dos relatos, fotos e vídeos que divulgam.

Além de “Alerta Jardim Oceânico” e “Jardim América Online”, mencionadas acima, “Alerta Recreio” é outra das páginas em que mais se encontram textos com conteúdo relacionado à criminalidade cotidiana, em particular aos crimes contra o patrimônio. Vale notar que duas dessas três páginas focalizam bairros de classe média e alta da Zona Oeste da cidade.



A PÁGINA SE ALIMENTA, MUITAS VEZES, DE INFORMAÇÕES ENVIADAS PELOS PRÓPRIOS SEGUIDORES, SEJA DIRETAMENTE PELO **FACEBOOK**, SEJA POR GRUPOS DE **WHATSAPP**

FIGURA 5_NUVEM DE PALAVRAS DO SUBGRUPO “POLÍCIA”



AÇÃO POLICIAL

A terceira categoria de postagens corresponde a 20% do total e diz respeito a operações e ações policiais, sejam elas blitzes, prisões, apreensões e/ou incursões em favelas. São posts que frequentemente utilizam siglas e palavras do jargão policial – como “guarnição”, “flagrante”, “BOPM”, “VTR” etc. (ver Figura 5) – e reproduzem textos de outros veículos, sobretudo da mídia tradicional.

Os dois trechos abaixo exemplificam essa categoria de posts :

Mais um policial militar foi morto a tiros no Rio. Desta vez, o crime aconteceu no início da madrugada desta sexta-feira, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. De acordo com a corporação, um soldado, identificado apenas como Vitor, lotado no batalhão da região, não resistiu aos ferimentos, após ser atingido durante um confronto que ocorreu na comunidade do Lixão. (...) O caso está sob a investigação da Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense (DHBF). Ainda não há informações de bandidos presos... (“Gardênia Azul Notícias”)

Um homem foi preso pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), por uso de documento falso, após apresentar uma carteira de habilitação falsa. O flagrante aconteceu na rodovia Presidente Dutra (BR-116), em Nova Iguaçu, na tarde de domingo (16). Ele apresentou-se como motorista de uma prefeitura da Baixada Fluminense... (“Jornal Campo Grande”)

Ambas as notícias foram copiadas de jornais (respectivamente, o *Extra* e o *Jornal do Brasil*), sem menção à fonte, o que aliás caracteriza em grande parte a circulação desse tipo conteúdo, que se reproduz de forma viral, tanto no *Facebook* quando em grupos de *WhatsApp* e em outros aplicativos, sem que os compartilhadores se preocupem em informar ou verificar a origem.

As páginas em que os temas policiais apareceram com mais frequência foram “Plantão RJ”, “Caos no RJ” e “Gardênia Azul Notícias”.

ENTRE A AUTOPROTEÇÃO E O VIGILANTISMO

Dos conteúdos mais compartilhados tendo como temática a violência urbana, destacam-se os vídeos de dois “arrastões” ocorridos nas proximidades de dois shoppings, um na Zona Sul (post da página “Alerta Botafogo” 12.732 compartilhamentos²⁶); e outro na Zona Norte (“Irajá Notícias”, 3.660 compartilhamentos²⁷). Esses tipos de ocorrências, que normalmente afetam grande número de pessoas, costumam ser documentadas por câmeras de segurança e por smartphones, resultando em imagens de impacto, que mostram situações de pânico, como carros retornando na contramão ou pessoas fugindo pelos corredores de um shopping.

Duas imagens de jovens empunhando armas de fogo – uma postada na página “Blog do Jacaré” e outra na “Realengo News” – tiveram os maiores números de compartilhamentos entre as postagens de fotos, respectivamente 3.577 e 2.548. Em ambos os casos, as legendas expressam o propósito de alertar os seguidores das páginas ao serem divulgados retratos de supostos criminosos:

Atenção moradores de Jacarepaguá: recebemos a informação de que estes elementos estão se passando como agentes da prefeitura pra ver se tem foco de dengue nas residências. Informações dão conta de que várias residências no Valqueire, Jacarepagua, Bento Ribeiro, Osvaldo Cruz, Realengo, Bangu e Campo Grande já foram assaltadas. Tomem cuidado e alertem os amigos e vizinhos.

“Estes elementos estão assaltando na avenida Brasil, e lugares próximo a avenida Brasil, segundo informações eles são da vila Kennedy, estão roubando tudo, pedestres, carros e motos, vamos repassar essa foto para que você não ser a próxima vítima deles.”

Nas legendas das imagens não há menção à Polícia ou ao poder público, e sim há um chamado aos seguidores, para que reconheçam os “criminosos” e não sejam, também, vítimas de suas ações. Esse tipo de utilização das páginas revela descrença no Estado enquanto garantidor da lei e da ordem, bastando aos moradores criar mecanismos de autoproteção baseados na circulação de informações em suas redes. Ainda que isso possa ser compreendido como reação ao medo do crime, à sensação de insegurança e à descrença na polícia e na Justiça, é também o que cria o caldo de cultura para o vigilantismo e o justicamento (Borges 2001; Trottier 2015).



A SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA E A DESCRENÇA NA POLÍCIA E NA JUSTIÇA TAMBÉM CRIA O CALDO DE CULTURA PARA O VIGILANTISMO E O JUSTICAMENTO”

Nas mídias sociais, como cada usuário é também um produtor e/ou disseminador de informações, as descrições e imagens de “suspeitos” circulam em alta velocidade e por diversos canais, quase sempre sem checagem das fontes. O perigo disso é conhecido. Em 2014, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus foi linchada e morta por moradores do Guarujá, em São Paulo, depois que a página “Guarujá Alerta” divulgou um retrato falado que se parecia com a vítima, dizendo que a mulher retratada estaria sequestrando crianças para realizar cerimônias de magia negra²⁸. Num caso mais recente, um casal foi perseguido e teve seu carro incendiado por quase 200 pessoas em função do boato de que se tratava de sequestradores de crianças²⁹.

Os linchamentos não são fenômenos novos ou raros no Brasil (Martins 2015), mas os casos mencionados acendem um alerta para o potencial das mídias sociais de disseminar notícias falsas, intensificar o medo e catalizar histerias coletivas que, no limite, podem levar ao linchamento.

Outro efeito potencialmente danoso desse tipo de postagem é o da reprodução de estereótipos e preconceitos. Quando se analisa, por exemplo, o perfil dos que aparecem em fotos de “suspeitos” ou alegados criminosos, com frequência visualizamos homens jovens e negros, vítimas maiores da violência social e institucional no Brasil (Cerqueira et al. 2017). Ao contrário de certas expectativas muito otimistas, a Internet não é necessariamente um espaço de quebra de barreiras e preconceitos históricos.

Não só fotos e vídeos, mas também os textos mais compartilhados contêm

alertas de crimes ocorridos na região de interesse da página, como nos dois exemplos abaixo:

Exatamente a alguns minutos, tentaram raptar minha sobrinha do colo da minha cunhada no ponto da Estrada da Água Branca do lado do posto BR. Dois meliantes dentro de um carro preto, um desceu tentou puxar a minha sobrinha do colo da minha cunhada, porém a mesma começou a gritar e alguns rapazes do posto escutaram e foram tentar a ajudar. As duas estão bem, graças a Deus. Os meliantes entraram no carro e fugiram. Poderiam publicar na página, para alertar as demais pessoas ! Minha sobrinha tem apenas 4 meses de vida (“Padre Miguel News”, 1.492 compartilhamentos)

Atenção: estão andando nas casas 2 rapazes fazendo demonstrações de colchões ortopédicos. Não abram o portão pra eles e nem os deixam entrar em sua casa. Cuidado eles tb tem uma mulher!!! São ladrões e estão armados! Passe esta mensagem pra todas as pessoas que você conhece! (“Coelho NETO”, 1.386 compartilhamentos)

Vale notar que os posts com maior divulgação não noticiam tiroteios, que são o tema de iniciativas mais estruturadas como os já mencionados aplicativos “Onde Tem Tiroteio” e “Fogo Cruzado”. Segundo dados deste último, só no mês de junho de 2017 foram recebidas 650 notificações de trocas de tiro na cidade, uma média de mais de 21 por dia³⁰. Mas isso não parece se refletir muito nas páginas locais do Facebook, em que as postagens mais populares sobre violência são as que descrevem crimes com um enredo extenso e elaborado, além das que divulgam fotos de pretensos suspeitos.



NÃO SÓ FOTOS
E VÍDEOS, MAS
TAMBÉM OS
TEXTOS MAIS
COMPARTI-
LHADOS CONTÊM
ALERTAS DE
CRIMES OCOR-
RIDOS NA REGIÃO
DE INTERESSE DA
PÁGINA”

REDE DE RELAÇÕES ENTRE AS PÁGINAS

Um outro tipo de análise relevante para se conhecer o universo pesquisado pode ser feito por meio de *grafos*, que são recursos para mensurar a interação entre as páginas, construindo visualmente “mapas de afinidades” a partir das curtidas de cada página em outras, dentro ou fora desse universo. Os *grafos* são compostos por dois elementos fundamentais: os *nós*, que representam cada caso estudado (nessa análise são as páginas do Facebook); e as *arestas* que representam a ligação entre os *nós* (nesse estudo, a ação de curtir é a que estabelece a relação entre os as páginas). Nosso objetivo, aqui, é verificar se as páginas “hiperlocais” atuam em círculos autocontidos, como “bolhas” relativamente isoladas, ou se, e em que medida, estão conectadas a outros grupos, subgrupos e áreas de interesse no Facebook³¹.

Os *grafos* mostram não apenas a quais e quantas outras páginas cada uma se relaciona, mas também a intensidade desses relacionamentos – ou seja, dimensionam os graus de integração das próprias páginas (algumas mais, outras menos isoladas) e a frequência da conexão entre elas. Há também aqueles elementos em uma rede que articulam de forma mais frequente diferentes grupos, servindo como ponto de passagem entre diferentes seções de um conjunto. Este último parâmetro é considerado estratégico, pois permite avaliar o poder que cada página tem de articular grupos separados e possibilita medir a força dessa articulação, o que é denominado “centralidade de interação” (Barthélemy 2004): quanto

maior o tamanho do seu *nó* nas “redes de likes”, maior também será a “centralidade de interação” da página.

Algumas análises desse tipo lidam com um número muito grande de *nós* (conexões), que geram visualizações confusas, como a da Figura 6. Para auxiliar a leitura dos *grafos* mais complexos, calcula-se a *modularidade*, parâmetro que identifica *subcomunidades*, separando por cores as redes de *nós* mais densamente conectadas (Blondel et al. 2008).

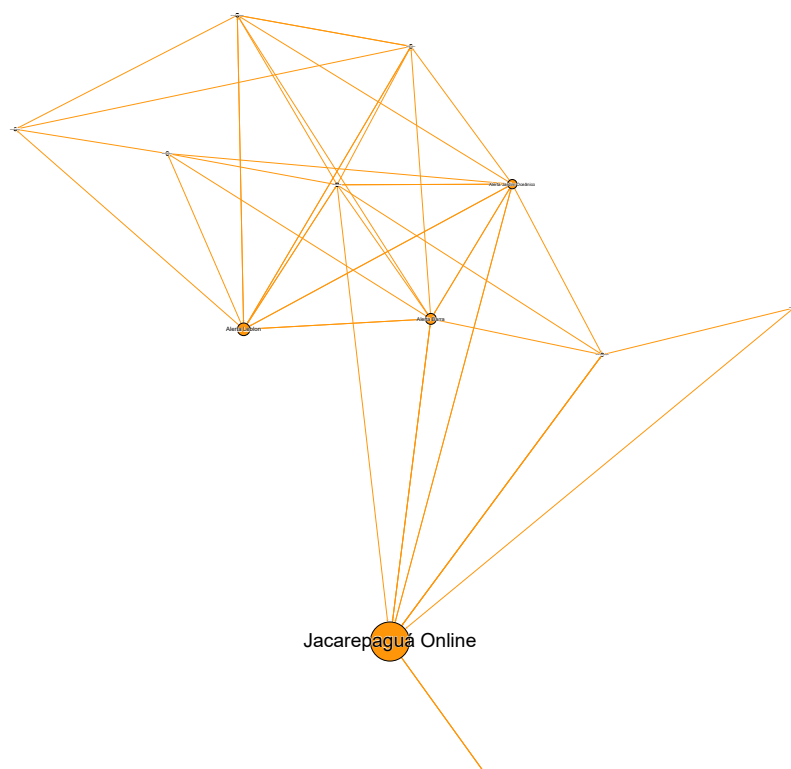
A Figura 6 mostra as conexões entre as 156 páginas analisadas diretamente na pesquisa e o Quadro 1, em seguida, exhibe as quatro *subcomunidades* de interesses afins em que elas se compartimentam.

O *grafo* da Figura 6 contém outros subgrupos de páginas em outras cores além dessas quatro, mas não foi possível determinar quais as suas afinidades na rede. Em duas das quatro *subcomunidades* analisadas (grupos 3 e 4), nota-se a importância do componente territorial, mas percebem-se também no grupo 2 que sua união está em agendas de reivindicações e demandas, no caso, relativas sobretudo aos territórios de favelas.

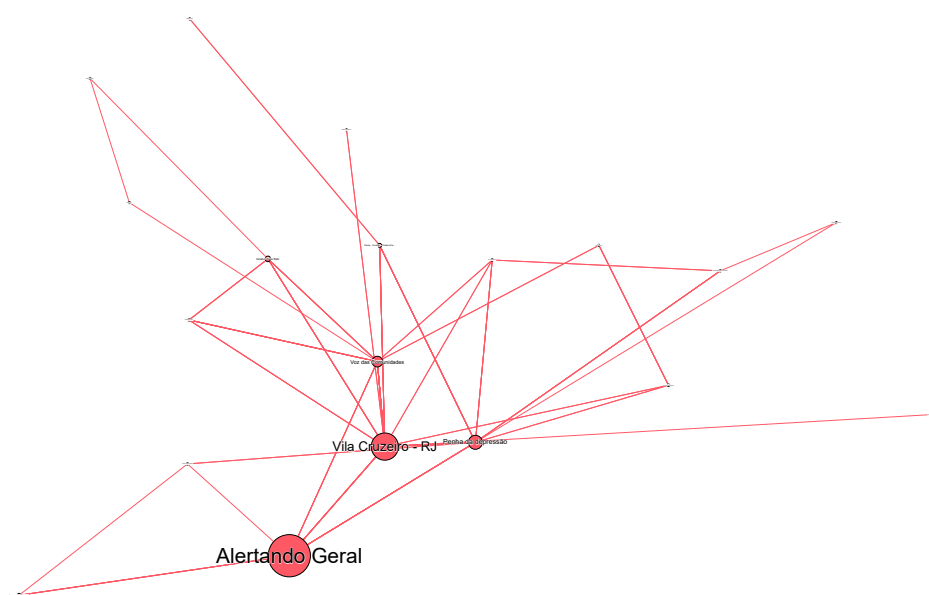
Quando se analisam as conexões entre as 156 páginas estudadas e a rede mais ampla do Facebook, com base nas curtidas de cada página, obtém-se um mapa com tantos pontos e linhas que é impossível identificar a maior parte dos *nós*, salvos dos que representam “centralidades de interação” mais fortes, incluindo algumas referências externas à nossa rede de páginas, como “Prefeitura do Rio”, “Centro de Operações Rio”, “Observatório de Favelas” e “Disque-Denúncia.



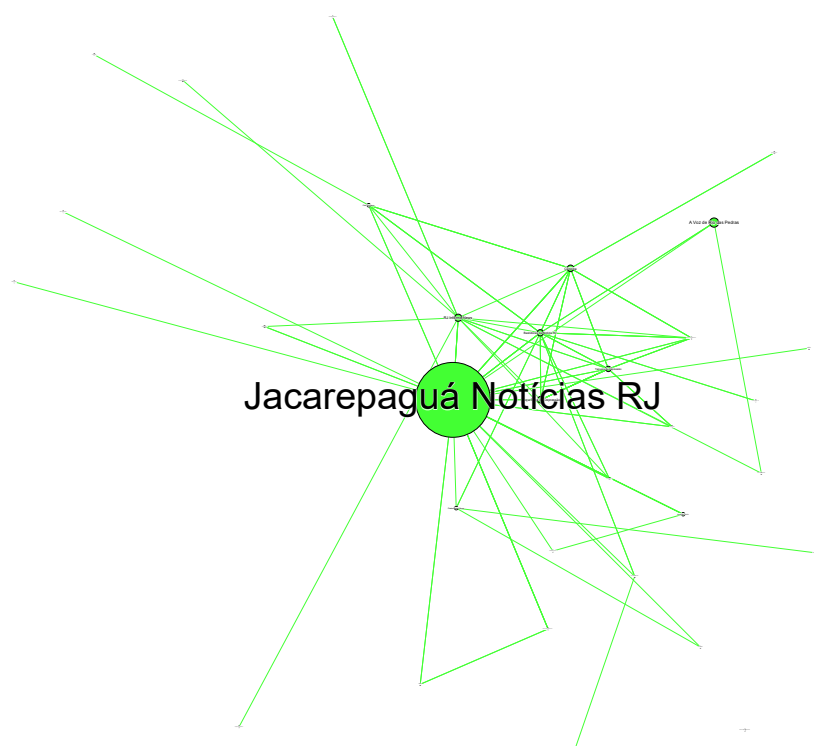
AS POSTAGENS
MAIS POPU-
LARES SOBRE
VIOLÊNCIA SÃO
AS QUE DES-
CREVEM CRIMES
COM UM ENREDO
EXTENSO E
ELABORADO”

QUADRO 1_ DETALHAMENTO DA REDE DE LIKES DAS PÁGINAS ANALISADAS (GRUPO 1)

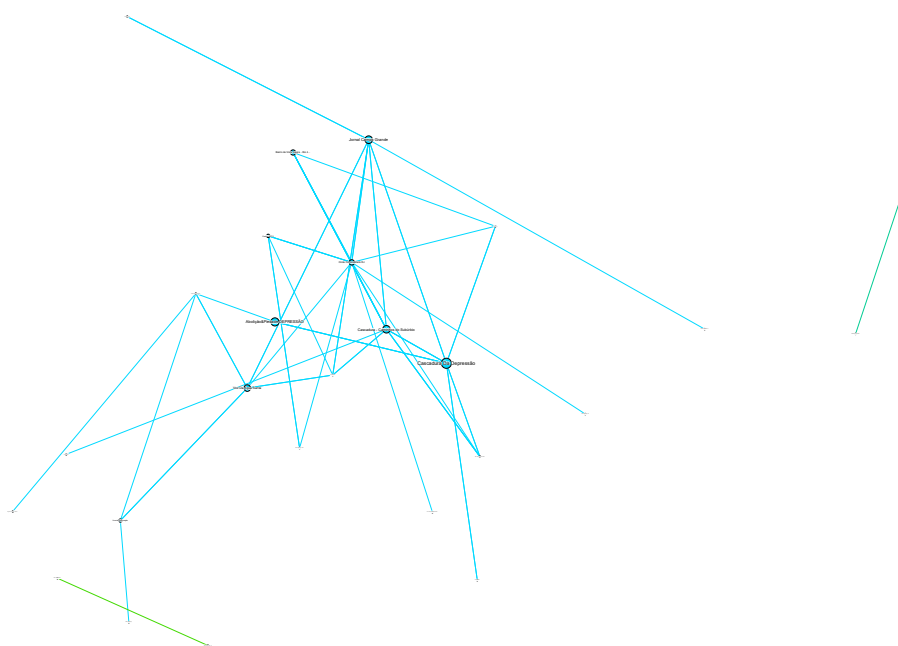
Composto principalmente pelas páginas que têm seus nomes iniciados com “Alerta”, criadas por um morador da Zona Sul da cidade, que tem divulgado casos de crime na região e estuda formas de monetizar suas postagens. É uma subcomunidade quase totalmente isolada (por isso seus nós são tão pequenos), que se conecta a outras da rede por intermédio da “Jacarepaguá Online”.

QUADRO 2_ DETALHAMENTO DA REDE DE LIKES DAS PÁGINAS ANALISADAS (GRUPO 2)

Subcomunidade formada por páginas importantes e antigas, como o “Voz das Comunidades”, “Papo Reto”, “Fala Manguinhos”, “Maré Vive” e outras. Entre elas, a mais bem articulada na rede é a página “Alertando Geral”.

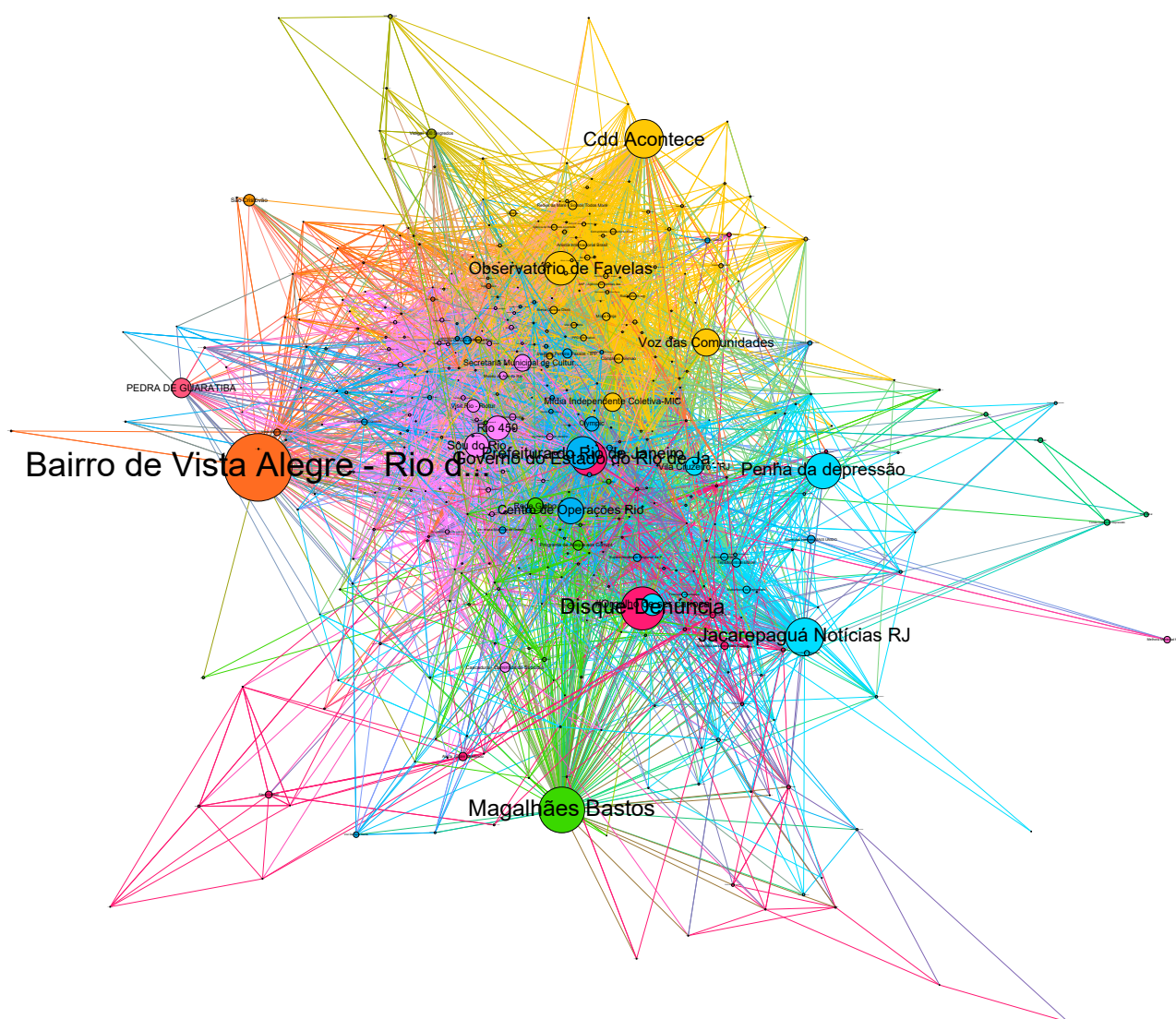
QUADRO 3_DETALHAMENTO DA REDE DE LIKES DAS PÁGINAS ANALISADAS (GRUPO 3)

Formado por páginas, em sua maioria, da Zona Oeste da cidade, sobretudo do bairro de Jacarepaguá, tais como “CDD Acontece”, “Curicica”, “Jacarepaguá Online”, “Taquara da Depressão”, “Bastidores da Notícia RJ” e outras, sendo “Jacarepaguá Notícias RJ” a de maior força de conexão na rede.

QUADRO 4_DETALHAMENTO DA REDE DE LIKES DAS PÁGINAS ANALISADAS (GRUPO 4)

Grupo de páginas de diversos bairros do subúrbio, como Cascadura, Quintino, Água Santa, Méier e Abolição. Nota-se uma “centralidade de interação” bastante homogênea (dada pelo pequeno tamanho dos nós), porém fraca na capacidade articuladora.

FIGURA 7_REDE AMPLIADA DE LIKES DAS PÁGINAS³²



Cinco subgrupos desse *grafo* têm especial relevância para a nossa análise; serão descritos a seguir e representados em três diferentes figuras.

No primeiro (Figura 8), a maior articuladora é a página “CDD Acontece”, seguida do “Observatório de Favelas” (que não faz parte de nossa amostra) e a “Voz das Comunidades”. Além dessas, o grupo também é composto por páginas como “Meu Rio”, “Mídia Ninja”, “Anistia Internacional”, “Favela Fiscal”, “Redes da Maré” e “Coletivo Papo Reto” – todas em alguma medida relacionadas à pauta de defesa dos direitos humanos, incluindo o direito à segurança e o direito à liberdade de expressão. Muitas delas têm como foco favelas da Zona Norte do Rio, principalmente o Complexo da Maré e o Complexo do Alemão, regiões que concentram de longa data um grande número de ONGs, coletivos e iniciativas locais de comunicação (Silva e Araujo 2012).

Na Figura 9, dois subgrupos se delineiam, com fortes conexões internas: um (em tom mais escuro) composto por páginas governamentais, como “Prefeitura do Rio de Janeiro”, “Centro de Operações Rio” e “Instituto Pereira Passos – IPP”, e outro, com menor força (tom mais claro), articulado pelas páginas “Penha da Depressão”, “Bastidores da Notícia”, “Tensão Intransitável” “Jacarepaguá Notícias RJ”,

“Jornal Campo Grande” etc. – todas voltadas para a divulgação sobre crime, violência e problemas no trânsito em tempo real.

Uma das duas *subcomunidades* representadas na Figura 10, a seguir, tem fortes ligações com a página oficial do Governo do Estado e com outras também da esfera governamental estadual, como “Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro”, “Batalhão de Operações Especiais” e “Disque-Denúncia”, sendo esta última a com maior articulação na rede. Das páginas que pesquisamos, integram esse subgrupo iniciativas como “O Morador é o Centro”, “Alerta Jardim Oceânico” e “RJ Informe News”. Na outra *subcomunidade* (em tom mais claro) aparecem páginas em grande parte relacionadas a iniciativas municipais de cultura, como “Instituto Moreira Sales”, “Sou do Rio”, “Rio 450”, “Secretaria Municipal de Cultura” e “Museu de Arte do Rio”.

Em suma, a análise da interconexão entre as páginas selecionadas e destas com outros segmentos do *Facebook* permite observar que, embora “hiper-locais”, elas não estão isoladas ou desconectadas; ao contrário, salvo em alguns casos, articulam-se numa extensa rede que inclui não só outras páginas com foco territorial como as de instituições públicas e privadas, ONGs, movimentos, coletivos etc. que se organizam por critérios não territoriais.



A ANÁLISE
DA INTERCO-
NEXÃO ENTRE
AS PÁGINAS
SELECIO-
NADAS PERMITE
OBSERVAR QUE,
EMBORA ‘HIPER-
LOCAIS’, ELAS
NÃO ESTÃO
ISOLADAS OU
DESCONECTADAS”

FIGURA 8_ SUBCOMUNIDADE 1 DA REDE AMPLIADA

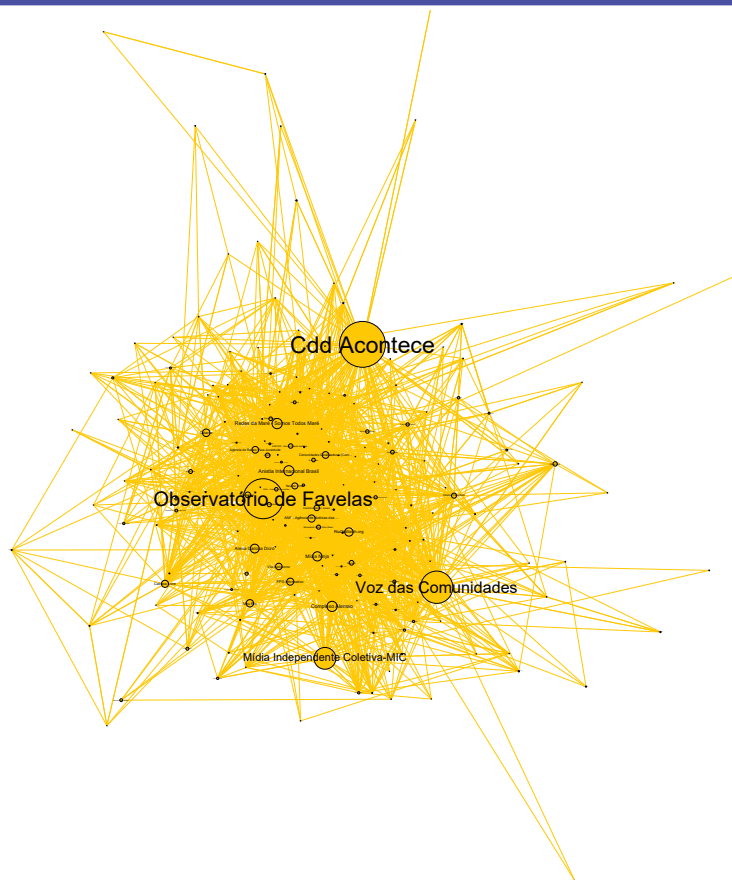


FIGURA 9_ SUBCOMUNIDADES 2 E 3 DA REDE AMPLIADA

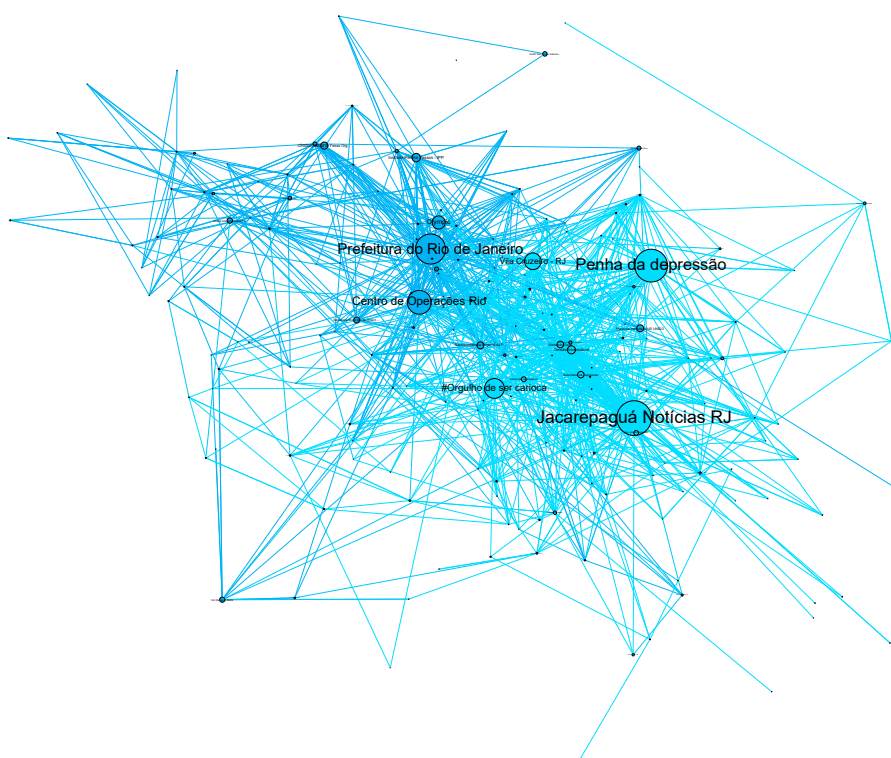
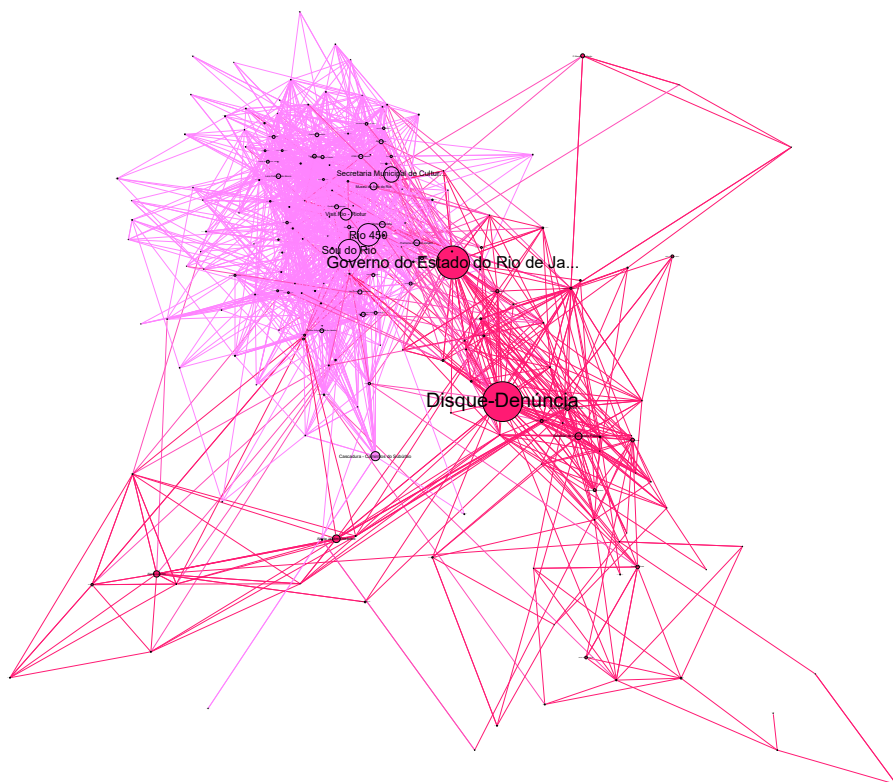


FIGURA 10_ SUBCOMUNIDADES 4 E 5 DA REDE AMPLIADA



CONCLUSÕES

O artigo buscou identificar e analisar um campo de produção e circulação de informações sobre violência, criminalidade, segurança e polícia na cidade do Rio de Janeiro, composto por centenas de páginas de bairros atuantes no *Facebook*. O número e a importância dessas páginas têm aumentado muito nos últimos anos – acompanhando o crescimento das redes sociais, o declínio da mídia impressa e a vertiginosa multiplicação dos smartphones. Algumas delas apresentam-se hoje, para grande quantidade de pessoas, como fonte de informação legítima, capilarizada e exclusiva.

A relação entre essas novas modalidades de produção de informações e a mídia tradicional é bastante complexa. Por um lado, alguns grandes jornais passaram a basear parte de seu noticiário em conteúdos provenientes dessas páginas; por outro, elas constituem

espaços de compartilhamento e difusão de notícias publicadas por veículos de mídia tradicionais.

Vale ressaltar que as páginas “hiper-locais” analisadas alimentam-se não só da reprodução de matérias dos jornais convencionais, nem apenas da auto-produção direta de notícias pelos seus seguidores, mas também de trocas ainda mais capilarizadas, que circulam subterraneamente por meio de aplicativos de mensagens instantâneas como o *WhatsApp*. Diferentemente do *Facebook*, tais aplicativos não listam os grupos hospedados, geralmente constituídos por laços familiares, de amizade, de interesse, trabalho ou vizinhança, e formados pela inclusão de novos membros por um administrador.

Outra constatação do estudo é de que as páginas relacionadas a segmentos do espaço urbano no Rio de Janeiro têm foco importante, mas não majoritário, nos problemas de segurança pública.

A maior parte dos textos, fotos e vídeos focaliza, além da violência, outras questões locais cotidianas, fazendo lembrar os pequenos jornais que circulavam nos bairros e favelas da cidade, e que hoje praticamente desapareceram, seja por falta de recursos, seja pela popularização da internet. Observou-se, por outro lado, que, entre as postagens mais curtidas ou compartilhadas, várias tratavam de assuntos ou histórias sem relação com o contexto local.

Dos posts que se ocupam de segurança e violência, foi possível circunscrever três grupos temáticos, um relacionado à dinâmica do tráfico de drogas e das facções criminosas, especialmente nas favelas; outro relativo às ações policiais e um terceiro voltado à autoproteção dos cidadãos por meio de relatos de crimes e da identificação de supostos criminosos. No último grupo, em particular, revela-se o intuito de suprir proteção por meio de uma rede de ajuda mútua, unindo indivíduos com medo do crime e baixa confiança na eficácia do Estado. A circulação de informações nesse tipo de rede, se, por um lado tem função autoprotetiva, carrega, por outro, o risco do vigilantismo e do justicamento, além de poder ser um veículo de reprodução e potencialização de estereótipos e preconceitos.

Pela análise da conexão entre páginas dentro e fora do universo analisado, foi possível perceber que as ditas “hiperlocais” não configuram “bolhas” fechadas, mas se articulam em redes bem mais extensas, nem sempre definidas pelo enfoque territorial.

Este artigo é um estudo inicial, exploratório, que abre uma agenda de pesquisas e discussões a ser desenvolvida nos próximos anos. Caberá, por exemplo, monitorar a evolução e o comportamento dessas redes, observar se esse fenômeno

se consolida ou não como fonte de informações sobre o tema, acompanhar possíveis mudanças na audiência, nos conteúdos e nos objetivos das páginas locais, assim como no próprio peso do *Facebook*, face a outras plataformas e a outros meios de comunicação, para a discussão sobre violência urbana.

Além disso, a comparação do caso do Rio de Janeiro com os de outros estados também deve fazer parte da agenda, uma vez que as diferentes dinâmicas criminais provavelmente se refletem na natureza e nos conteúdos das informações sobre o assunto trocadas pela internet. É possível, por exemplo, que o tema da disputa violenta entre facções do tráfico de drogas não tenha tanta presença nas postagens de moradores de outras partes do país onde o controle armado de territórios não seja tão disseminado como no Rio. Por outro lado, a forma pela qual agentes da segurança pública utilizam essas ferramentas informacionais – para fins de investigação criminal, mudança da imagem institucional da corporação, ou até mesmo por motivos políticos e eleitorais – também nos parece ser um objeto relevante para pesquisas futuras.

Esperamos com este artigo ter mostrado a relevância desse fenômeno para o debate sobre mídia e violência, trazendo à tona um campo crescente, mas ainda pouco conhecido de produção e circulação de notícias. Para além da mera circulação de informações no ambiente digital, esses fluxos e redes materializam-se no cotidiano e influenciam no sentimento de medo, insegurança, fomentam vigilantismo e justicamento. Porém, também possuem a potência de revelar histórias, cotidianos, narrativas e realidades que normalmente não ganham espaço nas páginas dos jornais e nos programas de TV.



PARA ALÉM
DA MERA CIR-
CULAÇÃO DE
INFORMAÇÕES
NO AMBIENTE
DIGITAL, ESSES
FLUXOS E REDES
INFLUENCIAM
NO SENTIMENTO
DE MEDO E
INSEGURANÇA ”

NOTAS

1. Fonte: Internet World Stats. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/south.htm#br>. Último acesso: agosto de 2017.
2. Idem.
3. Pew Research Center, "Newspapers Fact Sheetem": <http://www.journalism.org/fact-sheet/newspapers/>, acesso em 20/8/2017; Wikipedia: https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_newspapers_in_the_United_Kingdom_by_circulation. Último acesso: agosto de 2017; Instituto Verificador de Circulação (IVC).
4. Fábio Gusmão, editor digital do jornal Extra, em entrevista para a pesquisa "Mídia e Violência: o que mudou em 10 anos?" (Ramos, Paiva e Nunes 2017).
5. O FB tem hoje cerca de dois bilhões de contas ativas mensalmente, das quais 1,3 bilhão está ativa diariamente. "Facebook Reports Second Quarter 2017 Results". Disponível em: https://s21.q4cdn.com/399680738/files/doc_news/2017/FB-Q2'17-Earnings-Release.pdf. Último acesso: agosto de 2017.
6. Um grafo é um conjunto de vértices (ou nós) e um conjunto de arestas (ou ramos) que ligam pares de vértices distintos. Em outras palavras, é um conjunto de elementos (vértices) e suas relações entre si (arestas).
7. Diversos bairros cariocas ganharam "páginas da depressão", que aliam humor com os problemas locais. Fonte: <https://vejario.abril.com.br/cidades/bairros-da-depressao-Facebook/>. Último acesso: setembro de 2017.
8. R é uma linguagem e também um ambiente de desenvolvimento integrado para cálculos estatísticos e gráficos. Ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/R_\(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/R_(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o)). Último acesso: julho de 2017.
9. Conjunto de aplicativos equivalente ao pacote Office da Microsoft.
10. "O IRAMUTEQ é um software gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud e licenciado por GNU GPL (v2), que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras. Ancora-se no software R (www.r-project.org) e na linguagem Python (www.python.org). Ver <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Último acesso: setembro de 2017.
11. A função desse aplicativo é coletar diferentes tipos de dados do Facebook, sobretudo de páginas, grupos e eventos. É possível extrair o conteúdo textual das postagens e dos comentários, e também dados numéricos sobre likes, comentários, compartilhamentos e reações.
12. Ferramenta livre para manipulação de grafos.
13. Ver O Globo, Polícia invade Complexo do Alemão, 28/01/2010: <https://oglobo.globo.com/rio/policia-invade-complexo-do-alemao-2919504>. Último acesso: setembro de 2017.
14. Ver <http://oglobo.globo.com/rio/rene-silva-jovem-do-morador-do-morro-do-adeus-twitou-em-tempo-real-invasao-da-policia-ao-2918816>. Último acesso: setembro de 2017.
15. As Unidades de Polícia Pacificadora foram criadas a partir do final de 2008, com a implementação da primeira unidade no Morro Santa Marta. Baseadas na lógica do policiamento de proximidade, tinham como princípio essencial a permanência de um contingente de policiais nos territórios de favela, rompendo, assim, com a rotina de invasões em momentos específicos. As UPPs foram criadas no bojo das modificações da cidade para a recepção dos grandes eventos (Copa do Mundo, Jogos Olímpicos e Paralímpicos, Jornada Mundial da Juventude).
16. Ver <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/03/07/janela-discreta-carioca-filma-assaltos-no-centro-do-rio-e-videos-viralizam.htm>. Último acesso: setembro de 2017.
17. Os bairros com mais de uma página na nossa amostra são: Bangu (5), Penha (5), Jacarepaguá (4), Pavuna (4), Madureira (4), Cascadura (4), Guadalupe (3), Irajá (3), Senador Camará (2), Realengo (2), Fazenda Botafogo (2), Vista Alegre (2), Vila da Penha (2), Vaz Lobo (2), Complexo do Alemão (2), Bonsucesso (2), Ramos (2), Maré (3), Méier (2), Lins (2), Cidade de Deus (2), Curicica (2) e Campo Grande (2).
18. A mediana é o valor que divide uma dada distribuição em duas partes iguais, sendo, por isso, uma medida que reflete melhor as características da amostra. Quando analisados os números associados às páginas, sejam de seguidores, de curtidas ou de compartilhamentos, eles apresentam valores muito extremos, que destoam da maior parte dos casos, e que distorceriam a média, caso esta fosse usada como parâmetro. A mediana se mostra, assim, uma medida mais realista para a análise aqui proposta.
19. Status são textos menores que as notas compartilhadas pelos usuários do Facebook. Notas são textos mais extensos, com possibilidade de inclusão de links, fotos, formatação etc., assemelhando-se a postagens de blog.
20. Ver <https://www.Facebook.com/realengo/newsoficial/videos/vb.1420641774917662/1767537233561446/?type=2&theater>. Último acesso: julho de 2017.

21. Nos posts citados literalmente, mantivemos a grafia original.
22. Ver: "Vídeo mostra suposta execução por PMs em Costa Barros, no Rio". Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/03/video-mostra-suposta-execucao-por-pms-em-costa-barros-no-rio.html>. Último acesso: julho de 2017.
23. Ver: <https://www.Facebook.com/banguaovivo/videos/496641477348069/>. Último acesso: julho de 2017.
24. No primeiro semestre de 2017, essa modalidade de roubo aumentou quase 30% em comparação com o mesmo período de 2016, segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP-RJ).
25. O agrupamento foi feito pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que aglutina as unidades textuais analisadas, ou Segmentos de Textos (STs), de acordo com a similaridade vocabular. A análise produz, assim, classes de STs com vocabulário homogêneo entre si e heterogêneo em relação a outras classes (Camargo 2005; Camargo e Justo 2013). As classes geradas a partir dessa análise podem ser consideradas como o contexto de sentido das palavras, apontando para representações sociais sobre o objeto estudado.
26. Ver <https://www.Facebook.com/alertabotafogo/videos/1858634924352525/>. Último acesso: julho de 2017.
27. Ver <https://www.Facebook.com/irajano-ticias/videos/437385876630325/>. Último acesso: julho de 2017.
28. Ver "Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP" <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Último acesso: agosto de 2017.
29. Ver "Após tentativa de linchamento, polícia busca origem de boato no WhatsApp" <http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2017/04/apos-tentativa-de-linchamento-policia-busca-origem-de-boato-no-whatsapp.html>. Último acesso: agosto de 2017.
30. Ver: "Relatório Mensal - Junho 2017". Disponível em: <http://fogocruzado.org.br/relatorio-mensal-junho/>. Último acesso: agosto de 2017.
31. A análise das páginas locais aqui desenvolvida inspirou-se em trabalhos como o do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), principalmente a Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit. Disponível em: <http://www.labic.net/cartografia/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-Facebook/>. Último acesso: julho de 2017.
32. Alguns nós foram filtrados para melhorar a visualização. Foi utilizada a métrica "centralidade da interação" para excluir nós pouco conectados que se localizavam nas franjas do grafo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHÉLEMY, M. Betweenness centrality in large complex networks. *Eur. Phys. J. B.* 38: 163, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1140/epjb/e2004-00111-4>. Último acesso: setembro de 2017.
- BLONDEL, V. D. et al. Fast unfolding of communities in large networks. *Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment*, v. 2008, n. 10, p. P10008, 2008.
- BORGES, D. O Medo do Crime na Cidade do Rio de Janeiro: Uma análise sob a perspectiva das Crenças de Perigo. 1. ed. Curitiba: Appris, 2011.
- CAMARGO, B. V. Alceste: Programa Informático de Análise Quantitativa de Dados Textuais. In: *Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representações Sociais*. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2005. p. 511-539.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.
- CAMPOS, M. DA S. Mídia e Política: a construção da agenda nas propostas de redução da maioria penal na Câmara dos Deputados. *Opinião Pública*, v. 15, n. 2, 2009. p. 478-509.
- CERQUEIRA, D. et al., coords. Atlas da Violência 2017. Rio de Janeiro e São Paulo: Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf. Último acesso: setembro 2017.
- LEMOS, C. E. B.; PEREIRA, R. M. Jornalismo hiperlocal no contexto multimídia: um relato da experiência do jornal-laboratório Contramão Online. São Paulo: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 12 a 14 de maio de 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0588-1.pdf>. Acesso em 20/9/2017.
- MARTINS, J. de S. Linchamentos: justiça popular no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.
- NEWMAN, N. et al. Digital News Report 2017. Oxford: Reuters Institute, 2017. Disponível em: <http://www.digitalnewsreport.org>. Último acesso: setembro de 2017.
- NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C. DE S. Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7, n. 2, 2002. p. 285-297.
- OLIVEIRA, D. D. Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência. In: *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- RAMOS, S.; PAIVA, A. Mídia e Violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- RAMOS, S.; PAIVA, A.; NUNES, P. Mídia e Violência: o que mudou em 10 anos. Rio de Janeiro: CESeC, 2017 (no prelo).
- SANTOS, M. dos. Os Haters políticos: monitoramento e mapeamento dos hubs de oposição e do discurso do ódio no Facebook. Intercom. Foz do Iguaçu: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>. Último acesso: setembro de 2017.
- SILVA, J. S.; ARAUJO, T. Mídia e Favela - Levantamento de mídia alternativa. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2012. Disponível em: http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf. Último acesso: setembro de 2017.
- TROTTIER, D. Vigilantism and Power Users: Police and User-Led Investigations on Social Media. In: *Social Media, Politics and the State. Protests, Revolutions, Riots, Crime and Policing in the Age of Facebook, Twitter and YouTube*. Londres: Routledge, 2015.
- VARJÃO, S. Violações de direitos na mídia brasileira: Pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. Brasília: ANDI, 2016.
- ZAGO, G. DA S. Informações Hiperlocais no Twitter: Produção Colaborativa e Mobilidade. Curitiba: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>. Último acesso: setembro de 2017.

ANEXOS

TABELA 1 - DADOS DAS PÁGINAS (RANQUEADOS PELA MEDIANA)

RANKING	PÁGINAS	FÃS	MÉDIA	MEDIANA	MÍNIMO	MÁXIMO
1	Taquara da depressão	18.102	413	237	19	9.570
2	Rio de Nojeira	796.070	75	228	4	1.635
3	Onde Tem Tiroteio-RJ. OTTRJ	240.113	344	227	6	2.301
4	Maré Vive	101.563	337	220	30	1.196
5	Blog Crimes News	102.441	301	217	84	2.140
6	Rio Comprido Alerta	87.960	232	181	17	1.439
7	Bangu News ao Vivo 1.0	16.469	147	150	70	228
8	Alerta VILA Isabel	39.940	168	121	5	1.652
9	Assaltos em VAZ LOBO	9.990	129	106	5	708
10	Favela News Rio De Janeiro	259	151	106	10	2.834
11	Voz das Comunidades	20.130	170	93	1	3.253
12	Alerta Tanque	1.065	137	93	1	1.294
13	Onde Fui Assaltado RJ	17.105	187	84	3	4.512
14	Irajá Notícias	69.170	164	80	3	3.216
15	Jacarepaguá Online	206.157	142	80	7	1.102
16	Grande Méier da Depressão	83.610	179	79	2	2.598
17	Cdd Acontece	90.205	177	76	0	3.516
18	Fala Manguinhos	16.612	86	70	0	5.241
19	Tô de olho news	90.202	104	69	0	2.561
20	São Cristóvão	25.055	110	69	1	1.127
21	Jacarepaguá Notícias RJ	277.385	127	66	4	1.131
22	Abolição&Piedade DEPRESSÃO	33.127	136	66	0	16.374
23	Noticias da Pavuna	16.540	78	65	0	5.789
24	Bonsucesso da Depressão	38.136	122	60	0	2.303
25	Alerta Recreio	9.638	88	57	3	659
26	Rio da Prata News Bangu	12.251	65	55	0	1.254
27	Pavuna da Depressão	60.521	77	52	0	7.003
28	Blog do Jacaré - Notícias de Jacarepaguá	28.781	95	52	1	981
29	Vila Kennedy RJ	11.964	78	50	0	841
30	Guadalupe em Alerta	60.394	75	49	2	6.784
31	Alerta Barra	21.800	76	49	2	498
32	Madureira News RJ	115.354	92	48	0	3.654
33	Bangu ao vivo	652.937	282	47	0	24.829
34	Engenho Novo - Lins - Méier & Proximidades Informes	8.092	41	46	0	243
35	Ramos da depressão	35.145	89	45	0	5.221
36	Taquara News	111.293	71	45	3	401
37	Padre Miguel News	150.416	183	44	0	13.160
38	Penha da depressão	58.825	63	41	1	1.002
39	Tomás Coelho da Depressão	9.183	62	41	0	756
40	Praça Seca da Depressão	9.706	45	40	0	654
41	Guadalupe News	146.305	66	39	0	896
42	Bota Cara CDD	10.752	45	38	0	789
43	Por Dentro do Problema	88.181	59	37	1	1.440
44	Realidade Do RJ	58.621	61	37	2	992
45	Praça Seca	13.122	58	36	0	2.005
46	Bastidores da Notícia RJ	9.998	56	36	0	354
47	Vila Cruzeiro - RJ	8.349	62	34	0	1.075
48	Central Rio Das Pedras	32.248	58	33	0	6.021
49	Alerta Leblon	32.615	69	31	0	2.718
50	Guerra Urbana - RJ	8.170	40	31	1	637

RANKING	PÁGINAS	FÃS	MÉDIA	MEDIANA	MÍNIMO	MÁXIMO
51	Melhora Marechal Hermes	6.260	46	30	0	440
52	Viva Rocinha	21.831	67	30	0	1.209
53	Morar em Santa Cruz Da Depressão	16.215	35	29	0	4.215
54	Senador Camará Online	32.160	46	28	2	1.329
55	Catumbi da Depressão	8.566	49	27	0	729
56	Coletivo Papo Reto	40.051	50	27	3	256
57	Anchieta News	6.630	44	26	7	243
58	Pechinha da depressão	11.666	58	26	0	1.212
59	Informe Rocha Miranda	103.354	58	24	2	1.165
60	CANAL DO ANIL	38.217	48	23	0	1.360
61	Jornal É Notícias - RJ	118.404	52	22	0	1.217
62	Valqueire News	9.093	35	21	0	451
63	Paciência RJ News	1.091	23	20	0	301
64	SOS Barra de Guaratiba	4.554	29	20	0	203
65	Freguesia da Depressão	42.001	54	19	0	7.236
66	Alertando Geral	23.088	30	18	0	543
67	Cascadura - Caminhos do Subúrbio	21.923	24	18	0	317
68	O Morador é o Centro	12.314	25	17	0	559
69	Crime news favela.	48.780	46	17	0	5.113
70	Vila da Penha News	44.307	51	15	0	6.058
71	S.O.S Brás de Pina	10.630	40	15	0	1.247
72	RJ Informe News	53.299	57	14	0	5.036
73	Plantão RJ	51.682	47	14	0	6.021
74	Voz de Quintino	27.125	13	14	0	1.563
75	Coletivo Fala Akari	5.947	28	14	0	200
76	Bangu News	204.270	80	13	0	4.276
77	Irajá News RJ	34.257	23	13	0	308
78	Alerta Jardim Oceânico	14.302	22	13	0	1.184
79	Vidiga Vidigal	12.498	25	13	0	351
80	Favela Fiscal	4.502	22	13	0	430
81	Vaz Lobo News	2.275	20	13	0	185
82	Vicente de Carvalho em Depressão	12.512	45	13	0	498
83	RJ News .	52.561	47	13	0	7.848
84	Santíssimo Notícias RJ	10.627	15	12	0	125
85	Vista Alegre da Depressão	4.923	15	12	0	256
86	Jornal Alemão Notícias	21.111	22	12	0	210
87	Alerta Copacabana	16.095	27	11	0	7.825
88	Alerta Ipanema	10.438	22	11	0	1.191
89	Inhaúma da depressão	5.265	18	11	0	171
90	Favela nao se cala	7.163	12	10	0	354
91	VILA DA PENHA da Depressão	44.348	48	10	0	4.789
92	Realengo ao vivo	27.490	37	10	0	1.310
93	Guadalupe da Depressão	7.417	12	10	0	554
94	Fazenda Botafogo - RJ	7.064	28	10	0	423
95	Madureira Alerta RJ	3.936	15	10	1	87
96	Olaria da depressão	15.998	10	9	0	785
97	Jardim América Online	13.742	16	9	0	1.245
98	Realengo News	15.509	62	9	0	43.220
99	Coelho NETO	9.712	29	9	0	1.176
100	Cascadura Da Depressão	7.330	17	9	0	165
101	Cordovil News	4.132	15	9	0	105
102	Alto da Boa Vista-RJ	3.561	24	9	0	628
103	Voz do Engenho de Dentro	20.723	10	9	0	97

RANKING	PÁGINAS	FÃS	MÉDIA	MEDIANA	MÍNIMO	MÁXIMO
104	Rio de Janeiro - Guerra Civil Urbana	29.545	14	9	0	237
105	Vila Kosmos	25.884	14	8	0	367
106	Senador Camará Online 2.0	22.064	12	8	0	69
107	PEDRA DE GUARATIBA	14.346	20	8	0	897
108	Alerta Geral Tijucano	13.665	26	8	0	1.935
109	Alerta Botafogo	13.544	29	8	0	1.954
110	Informe de Assaltos e Tiroteios	648	9	8	3	14
111	FavelaNews	26.457	19	7	0	1.485
112	Voz Da Água Santa	21.832	28	7	0	649
113	A Voz de Rio das Pedras	11.603	22	7	0	2.014
114	Jornal Complexo da Penha Notícias OnLine	11.519	10	7	0	325
115	A Voz do Lins de Vasconcelos	5.153	17	7	0	380
116	Sulacap News	4.556	21	7	0	569
117	Ricardo de Albuquerque News	4.156	9	7	0	56
118	Voz de Piedade	110.340	28	6	0	6.843
119	Curicica	8.353	11	6	0	165
120	Alerta Jacarepaguá	5.331	9	6	0	124
121	Bairro do Flamengo	1.768	8	6	0	91
122	Lins da Informação	7.537	13	5	0	662
123	Informe Irajá	4.202	5	5	0	19
124	Madureira em Foco	2.638	15	5	0	611
125	Bairro de cascadura	2.516	8	5	0	52
126	SePETIBA em Alerta	2.393	9	5	0	150
127	Sobrevivente RJ	2.393	8	5	0	140
128	Fazenda Botafogo - RJ	2.235	6	4	0	74
129	Antigo Campo Grande	312.073	54	4	0	4.192
130	Aqui em Curicica	10.195	7	4	0	157
131	Zona Norte Notícias	10.015	9	4	0	128
132	Caos no rj	7.922	5	4	0	289
133	Cascadura News	3.346	8	4	0	56
134	Camará News	2.863	5	4	0	24
135	ParqueColumbia	1.478	10	4	0	85
136	Voz do Méier	20.683	6	3	0	67
137	Bairro de Vista Alegre - Rio de Janeiro/RJ - Brasil	11.715	8	3	0	184
138	Penha Notícias	9.279	20	3	0	5.057
139	Alerta Gávea	3.199	6	3	0	195
140	Pavuna pede socorro	2.697	6	3	0	32
141	Bairro Maria da Graça	2.389	6	3	0	167
142	Deodoro da Depressão	2.329	12	3	0	1.023
143	Bairro de Cascadura .	1.142	4	3	0	25
144	Bairro Higienópolis - RJ	3.866	7	3	0	80
145	Rio de Tiros e Assaltos	7.185	4	2	0	46
146	BENTO Ribeiro News	3.457	4	2	0	43
147	Costa Barros News	3.141	7	2	0	21
148	RJ News	2.867	2	2	0	9
149	Gardênia Azul Notícias	1.899	4	2	0	80
150	Penha - Cordovil - Cidade Alta - (Rj)	1.700	2	2	0	5
151	Informe Madureira News	931	2	2	0	6
152	Jornal Campo Grande	16.281	3	1	0	490
153	O Grito de Ramos - Rio de Janeiro	697	2	1	0	206
154	Jornal No Ar	8.454	1	0	0	143
155	Jornal do Bairro	4.254	0	0	0	4
156	Magalhães Bastos	3.785	1	0	0	19

**CENTRO DE ESTUDOS DE SEGURANÇA
E CIDADANIA (CESEC)**

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

RUA DA ASSEMBLEIA, 10, SALA 810
CENTRO - RIO DE JANEIRO - RJ
BRASIL - 20011-901

(55) (21) 2531-2033
(55) (21) 2232-0007

www.ucamcesec.com.br
cesec@candidomendes.edu.br

ISSN 1807-528 2

cesec



APOIADORES:

